



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Faculdade de Direito e Relações Internacionais

Curso de Relações Internacionais-FADIR

Kelvin Yujiro Nascimento Okasaki

A Cigana Pediu Para Ler Minha Mão: Revisão de Algumas Literaturas Brasileiras

Dourados-MS

Outubro de 2018

KELVIN YUJIRO NASCIMENTO OKASAKI

A Cigana Pediu Para Ler Minha Mão: Revisão de Algumas Literaturas Brasileiras

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profx. Drx. Simone Becker

Dourados – MS

Outubro de 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

O41c Okasaki, Kelvin Yujiro Nascimento

A Cigana Pediu Para Ler Minha Mão: Revisão de Algumas Literaturas Brasileiras [recurso eletrônico] / Kelvin Yujiro Nascimento Okasaki. -- 2018.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Simone Becker.

TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Ciganos. 2. Sociedade. 3. Cultura. 4. Etnocentrismo. I. Becker, Simone. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 30 de novembro de 2018, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, o aluno **Kelvin Yujiro Nascimento Okasaki** tendo como título “**A cigana pediu para ler a minha mão: revisão de algumas literaturas brasileiras**”.

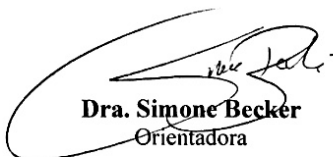
Constituíram a Banca Examinadora os professores Dra. Simone Becker (orientadora), Ma. Tchella Fernandes Maso (examinadora) e Dr. Mário Teixeira de Sá Junior (examinador).

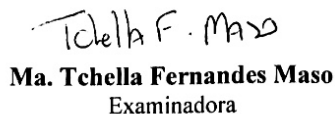
Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado Aprovado.

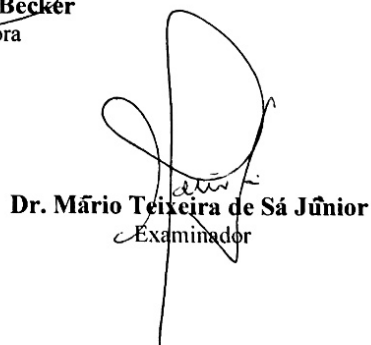
Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:


Dra. Simone Becker
Orientadora


Ma. Tchella Fernandes Maso
Examinadora


Dr. Mário Teixeira de Sá Júnior
Examinador

A verdadeira motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento.

(Frederick Herzberg)

Thank u, next.
(Ariana Grande)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que me proporcionaram verdadeiros atos de amor.

À minha vó que esteve sempre ao meu lado mesmo estando de cama.

À minha irmã que estabilizou minha família quando não pude estar presente.

À Ariana que me proporcionou apoio quando mais precisei.

À Universidade Federal da Grande Dourados, pelos anos mais difíceis da minha vida e pela oportunidade de me tornar o melhor de mim até o presente momento

À minha prezada Orientadora/Professora Simone Becker, pelo engajamento, dedicação, paciência e carinho ao longo de todo esse processo.

Aos Ciganos, por terem de enfrentar enormes barreiras todos os dias.

À Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa da UFGD, pelas bolsas de Iniciação Científica concedidas para o financiamento da pesquisa.

Aos meus amigos, que se tornaram minha nova família no Mato Grosso do Sul e entraram em grandes aventuras comigo. Em especial Leticia, Ana Flávia, Lucas, Diego, Marcelo, Mariana, Carla, Evelyn, Vinicius e, meu melhor amigo Marcos Lopes.

RESUMO

Por conta do decreto XXIV de Portugal que visava a expulsão dos ciganos, esse grupo veio parar em terras brasileiras. Em alguns relatos, o primeiro cigano a chegar no Brasil foi João Torres de Barros junto de sua esposa e filhos. Os ciganos são divididos em três sub-grupos: Rom, Sinti e Calon. Todos com suas singularidades culturais. Esses grupos se mostram diferentes em inúmeros aspectos como a linguagem, a forma em que vivem, a sua história, a maneira como absorveram elementos culturais de outros povos e etc. A construção cultural e essas singularidades se deram por conta dos trajetos migratórios que esses grupos realizaram durante muitos anos, saindo de sua terra natal e passando por países como Alemanha, Portugal, África, Brasil e etc. A chegada desses 3 grupos no Brasil proporcionaram inúmeras literaturas brasileiras que então, me deram a oportunidade de realizar essa revisão bibliográfica. Por assim, foram verificados sites acadêmicos que trouxeram dados a respeito dos ciganos e o que estava sendo produzido pela academia. Nas plataformas como Scielo e Capes foram postas palavras chaves como “Ciganos Brasil” que me trouxeram inúmeros resultados e, após filtragens explicadas metodologicamente cheguei a alguns artigos de pesquisas aqui analisados. A presente monografia também visou pensar nesse grupo e em todas as atrocidades que sofreram, na ausência de políticas públicas, na maneira cultural como vemos o outro e o emprego dos ciganos no meio social.

Palavras-chave: Ciganos; Sociedade; Cultura; Etnocentrismo

ABSTRACT

Due to the Portugal's XXIV decree that aimed at the expulsion of the gypsies, this group ended up in Brazilian lands. In some reports, the first gypsy to arrive in Brazil was João Torres de Barros along with wife and children. The gypsies can be divided into three subgroups: Rom, Sinti and Calon. All with their cultural singularities. These groups are shown different in many aspects such as the dialect, the way they live, their history, how they absorbed cultural elements from other peoples and so on. The cultural construction and these singularities happened due to migratory paths that these groups have carried out for many years, leaving their homeland and passing through countries like Germany, Portugal, Africa, Brazil and so on. The arrival of these 3 groups in Brazil provided numerous Brazilian literatures that then, gave me the opportunity to undertake this bibliographic review. Thus, academic websites that brought data about the gypsies and about what was being produced about this matter by the academy were verified. On the platforms Scielo and Capes were put keywords like "Gypsies Brazil" that brought me numerous results and, after filtering explained methodologically, I came to some research articles analyzed here. This monograph also aimed to think about this group and all the atrocities they suffered, about the lack of public policy, the cultural way we see the other and the placement of gypsies in the social environment.

Keywords: Gypsies; Society; Culture; Ethnocentrism

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1. ATRIBUIÇÃO DA PESQUISA, DIFICULDADES (...)	12
1.1. IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA DE PESQUISA.....	12
1.2. OCORRIDOS E HISTÓRIA CIGANA.....	16
1.3. TRÂNSITOS BRASILEIROS.....	19
1.4. LINHA QUE SE MOVE.....	22
2. PENSANDO NAS RELAÇÕES DO HUMANO.....	24
2.1. PENSANDO NAS RELAÇÕES DO HUMANO AO DEBATE DE CULTURA.....	24
2.2. PENSANDO NAS RELAÇÕES DO HUMANO AO DEBATE DE PODER E CULTURA.....	27
2.3. PENSANDO NO ETNOCENTRISMO, NO SER E NA CULTURA.....	29
3. CIGANOS, CULTURA E ETNOCENTRISMO.....	32
3.1. NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	32
3.2. TATEANDO A PESQUISA NAS PLATAFORMAS SCIELO E CAPES.....	34
3.2.1 OS CIGANOS NO RIO GRANDE DO NORTE	34
3.2.3 MULHERES CIGANAS E SUAS RELAÇÕES COM AS MULHERES CAMPONEAS NO ESPIRITO SANTO.....	39
3.2.3. LITERATURAS CIGANAS.....	45
3.2.4 ESCOLA PARA TODOS?.....	49
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

Introdução

Habitualmente, os estudantes usam essa área para dar uma pincelada no tema que será abordado nas páginas seguintes de sua monografia. Mas, fugirei dessa norma e começarei a contar sobre “a necessidade de ler” essa monografia.

Em seu início vos digo que toda aquela marmelada que te disseram a respeito de oportunidades iguais isso é tudo bobagem. Como pensar em igualdade para todos se muitos não têm nem oportunidades de ser atendidos em hospitais médicos. Imaginem não poder continuar seu futuro ou sua vida porque você não foi atendido no pronto socorro do hospital. Mas caso ainda tenha em sua mente uma frase como essa “Ahh, quem é esforçado consegue”, então eu destino esse trabalho principalmente a você na esperança de dentre todas essas páginas que escrevi, você consiga se sentir familiarizado com o que abordo e mais, mudar o pensamento a respeito da diversidade e do quão difícil a vida pode se tornar para alguns.

Caso não saiba, eu sou um aluno de Relações Internacionais que ouvi em umas das minhas primeiras aulas que se você tivesse nascido em país como a Noruega, Dinamarca e etc... sua vida já estaria encaminhada para o sucesso. Bom, como sou nascido no Brasil, numa terra ao qual aprendi que é preciso ser privilegiado para se alcançar o “sucesso”, sinto que a ideia de igualdade ou equidade não se encontra em nosso plano habitual. Ainda não entendeu aonde quero chegar? Bom, essa foi uma tentativa de mostrar pra você, caro leitor, que até mesmo (ou, sobretudo) dentro do cenário internacional existem os privilegiados. Estes, como aqueles cujo Estado os delega para trabalhos subalternos e enquanto os não detentores da humanidade. Tudo se encontra muito confuso né? Bom, sugiro que continue a passar seus olhos por essas páginas e aproveite todo o trânsito cigano até o Brasil.

Capítulo 1: Atribuições da pesquisa, dificuldades (...)

Capítulo 1.1: Importância da metodologia de pesquisa

Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica a respeito dos trabalhos literários dos “Ciganos no Brasil”. Em suma, trarei o mais detalhado possível a minha relação com o tema e como cheguei até essa pesquisa. O desenrolar desse trabalho teve seu início com questões que me chamaram a atenção. Sendo estas, a ausência de políticas públicas, invisibilidade do grupo cigano, argumentos pejorativos que trazem um aspecto ruim, essa e dentre outras injustiças sofridas tiveram o papel de despertar uma curiosidade em relação ao tema.

O mais engraçado e malvado de tudo é que antes mesmo de saber sobre o sofrimento dos ciganos, o que havia era uma total ignorância a respeito da temática. A realidade de não saber nenhuma/alguma particularidade a respeito desse povo me abriu a possibilidade de elaborar num futuro próximo uma monografia.

Trazendo elementos do meu passado é importante salientar que mesmo não tendo contato informal a respeito dos povos ciganos já havia os visto em minha vida. Inclusive, tive a oportunidade de que lessem a palma da minha mão (ato esse intitulado com quiromancia). Para além, sempre presenciei à distância no Rio de Janeiro, ciganos que ficavam nas ruas pedindo para que praticassem a quiromancia em troca de alguma ajuda. Infelizmente, nessa época sempre estive acompanhado de adultos que me negavam o prazer de saber a respeito do meu futuro e, tendo como argumentos adjetivos ofensivos como: vagabundos, ladrões e principalmente pessoas que não tinham “caráter”. Tendo inclusive, ouvido esse argumento do meu pai.

O distanciamento do grupo cigano em minha vida sempre se deu pelo medo das consequências e do desconhecido. Quando falo a respeito de particularidades, me refiro à maneira como vivem, sua cultura, o que fazem e etc. Mesmo com todos os argumentos e relatos advindos de acontecimentos dos outros sempre internalizei uma vontade de conhecer aqueles que se tinham como desconhecidos. Os dias foram passando, os anos, até que me vi fora das ruas do Rio de Janeiro e agora, me encontrava em Dourados, Mato Grosso do Sul e em especial uma rua conhecida por todos

(Douradenses) como Marcelino Pires. Foi naquele dia que a minha forma de enxergar o outro passou por reflexões e mudanças.

Quando avistei três ciganas, encostadas na parede, abordando a todos que passassem pelo seu campo de visão entrei em conflito interno, ficando nervoso, gelado e apreensivo. Características essas, que se assemelham muito com o medo. Continuei a caminhar e a cada passo me sentia mais apreensivo, até que então, fui ABORDADO pela CIGANA. E agora? O que faço? Com toda certeza aquilo que sentia era medo, medo do desconhecido, meu desejo de que ela lesse minha mão era muito maior do que o medo em si. Sendo assim, cedi à pressão e relaxei. As palavras que saíram dos lábios daquela mulher me confrontavam e davam a ela aquilo que eu a tinha tirado, sua inteira e completa posição como ser HUMANO, sem desconsiderar a agência dela, isto é, não a vitimizando. Não consigo trazer a lembrança o que a cigana disse a respeito do meu futuro. Mas, depois desse evento fiquei marcado (comigo mesmo) com a sede de curiosidade a respeito desse povo.

O desenrolar dessa pesquisa se iniciou com a curiosidade a respeito dos ciganos. Agora, queria saber os “por quês” dos romances e páginas policiais darem e tratarem esse grupo de uma maneira tão depreciativa. Não necessariamente sob esta pergunta, mas a tendo como plano de fundo. Os ciganos, sujeitos de atributos que sofrem com o demérito, são intitulados por um preconceito que traz uma fama desmerecedora que é embasada diante uma visão etnocêntrica e xenofóbica. De que forma/maneira aos olhos de um desconhecido os ciganos são intitulados de maneira tão depreciativa e que formas são estas? Por qual razão tanto ódio e discriminação? O caminhar dessa dúvida me fez chegar até a esta pesquisa e, por fim “abrir a mente” dentro de inúmeras questões.

Pesquisar acerca desse grupo que vive nas margens das sombras da sociedade me trouxe dificuldades a respeito de inúmeras questões. A primeira tentativa de pesquisa que tive foi a busca no Google (www.google.com) no tocante a ciganos. A partir desse marco, me deparei com inúmeras matérias policiais em relação ao grupo, assim, pensei, ninguém é inteiramente mal, ninguém resulta de uma natureza inteiramente má, mas sim, de erros e acertos. Já que somos completamente passíveis de falhas, se formos pensar-nos pela chave do bem e do mal, do acerto e do erro, enfim, dos dualismos binários.

As questões dadas no parágrafo acima foram as mesmas que me impulsionaram para pesquisar acerca desse povo. É importante que lembremos o quanto Michel Foucault (2001) problematizará a produção/ reprodução da exclusão dos sujeitos sociais, inclusive pelas páginas policiais, ou a colagem de tais marginalizados que se encontram na criminalidade. Páginas como “Campo Grande News” me fez identificar que muito do que estavam relacionados, os ciganos, tinha ligação com a apreensão de produtos, seja por sonegação de impostos ou ausência de nota fiscal. Percebamos, sonegação de impostos e ausência de nota são questões legadas a quem circula dinheiro e mercadoria.

Foi diante desse marco que a pesquisa teve seu desenrolo. Durante uma conversa com a minha orientadora Simone (Becker), decidimos que o projeto de pesquisa iria se dar, como de hábito, pela investigação das temáticas pelas plataformas que contem literaturas que armazenam e “facilitam” informações sobre projetos (que estivessem em desenvolvimento ou até mesmo já concluídos) feitos por acadêmicos, sendo estes, a plataforma da CAPES e da SCIELO.

Com a palavra-chave “ciganos” me deparei com 30 (trinta) resultados. Com o intuito de afilar, estreitar e afinar os resultados, já que se trata de uma pesquisa qualitativa, coloquei a palavra “Brasil” seguida, levando então ao encontro de 4 artigos sobre esses povos desconhecidos. O suceder deu-se a partir da exploração de 3 desses 4 artigos e com isso, a dificuldade em dialogar com esses. Isto é, de trazer e retomar um diálogo dentro de textos que traziam semelhanças e diferentes pontos.

O segundo passo para além das leituras de autores como Roque Laraia, Michel Foucault, Everardo Rocha e etc... foi o de pesquisar na plataforma dos periódicos da Capes (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior), com a palavra-chave “Ciganos Brasil”, me deparando com 178 (cento e setenta e oito) resultados, já que o intuito dessa pesquisa é a qualitativa” escolhi dentre os 10 (dez), o que achei mais pertinente para esse trabalho. Um que pudesse esclarecer, comunicar e avisar a forma como esse grupo era tratado a sociedade ocidental. Assim sendo, coloco como “palavras chaves”, para o melhor entendimento dessa monografia” - a história cigana, dificuldades, cultura, pré-conceitos, preconceitos e ausência de políticas públicas.

A atuação e participação de reuniões executadas de maneira quinzenal, com o grupo “O Diverso” trouxe a facilitação durante a abordagem do tema ao qual meu objetivo se versa. Esse enorme tema que aborda a respeito da desigualdade que o povo cigano passa/tem passado, diante questões que serão abordadas ao longo dessa monografia mostra um grande descaso com relação ao grupo.

Um texto que me chamou atenção e encaminhou ao meu entendimento elementos e fundamentos para melhor entender/ pensar os Ciganos, foi Foucault – A vida dos Homens Infames. O texto traz em diretrizes a maneira como Foucault aborda a reconstituição da conjuntura de poder. Trazendo seus pensamentos e reflexões a partir de cartas, petições, documentos de internamento e etc. O autor as usa como um método para a realização de consumação de uma obra não só de cunho histórico, mas sim uma discussão sobre ontologia de existência. Essa obra nos coloca “pressionados pelas paredes” para que a reflexão profunda nos adentre e mostre como a realidade se dispõe, já que no texto, Foucault deixa mais que explícito que todo o “modo” emblemático é deixado fora de sua pesquisa e somente o real seria trabalhado.

Durante os encontros, inúmeros trabalhos de pesquisas foram apresentados, sendo estes, mostrando a realidade das mulheres indígenas, pessoas que necessitavam de uma operação para deixarem de ser ostomizadas e até mesmo a aceitação dos LGBTQ+ diante de igrejas evangélicas. Todos os trabalhos me contribuíram de alguma forma com a minha pesquisa, sendo pelo viés explicativo, discursivo e até mesmo a semelhança com a ausência de políticas públicas. Contudo, o projeto que mais me chamou a atenção foi o que aborda a relação das pessoas e o meio ao qual traçam pela busca da obtenção de direitos dentro do SUS (Sistema Único de Saúde). Paralelo esse que chega a se igualar com a realidade que os ciganos passam (Em relação a atendimentos aos hospitais públicos). A relação do Estado com o sistema de saúde e as pessoas, se mostrou inúmeras vezes (de acordo com a pesquisa) como agregador de valores, dando a quem necessitasse desse ente público a ideia de “Infames” (desprezível, vil, baixo) e dando créditos desmerecedores às suas existências.

Pensar o tema da minha pesquisa -Ciganos- sem ter outra natureza que esteja à margem da sociedade é não me atentar a detalhes como a ausência de políticas públicas,

ao passo que existem inúmeros grupos que passam pelas mesmas dificuldades, sendo estes: Indígenas, Quilombolas e etc.

A dificuldade dessa pesquisa não se atém somente ao trabalho em ler, filtrar e produzir as informações a mim colocadas, mas como se ater ao denominador representativo e qualificativo para que então, a revisão bibliográfica, nessa monografia, tenha seu valor. Todos os dados e leituras foram efetuadas em um período de um pouco mais de um ano, mas mesmo assim, não devemos dar enfoque somente ao período em que pesquisei os artigos mas sim, todo o processo acadêmico ao qual cursei, dentro dele, todas as leituras e ajudas de diversos professores que prestaram atenção e foram contribuintes da minha formação.

Uma importante dificuldade que deve ser relatada nesse capítulo é a de percepção desse grupo. Durante todo o meu processo de pesquisa e disseminação do que estava produzindo me deparei com olhares e perguntas como: Ciganos? Têm ciganos no Brasil? Nossa que interessante sua pesquisa, mas o que(m) são os ciganos? Pensei que eles só existiam nos desenhos animado; Mas... ciganos? ; e etc. É clara a invisibilidade desse povo, o mais incomum de tudo foi encontrar uma dessas perguntas feitas por uma pessoa próxima a mim, ao ponto que, sua questão se destinava a existência desse grupo sendo que o mesmo há alguns anos atrás, tinha dito ter tido experiências com a quiromancia. Relato esse que foi aplicado pelo mesmo grupo de ciganas em que fui abordado. O esquecimento de um grupo dado por uma pessoa próxima a mim me foi esclarecedor, ao ponto em que o artigo da Mariana Bonomo traz o exercício feito por uma comunidade em esquecer o grupo cigano que passa por suas redondezas (essa questão será melhor abordada no terceiro capítulo). Forma essa que traz traços advindos da insignificância.

Capítulo 1.2: Ocorridos e história cigana.

A presente pesquisa tem por objetivo trazer à tona realização de uma revisão bibliográfica que traz como tema principal OS CIGANOS que se encontram em solo

BRASILEIRO. Logo, torna-se importante trazer um “resumo” a respeito dos trânsitos ciganos, seus enfrentamentos e seus diálogos como a sociedade.

De acordo com o livro de Rodrigo Corrêa Teixeira “História dos Ciganos no Brasil”, os ciganos não têm a prática de armazenar, bibliografar ou escrever sua história. Então, deste modo temos o primeiro arquivo brasileiro encontrado no ano de 1574, ao ponto que

João Torres de Barros junto de sua esposa e filhos tem sua chegada em Minas Gerais. Em 1718, temos um maior número de casos ciganos, já que esse marco é atrelado com uma ideia de maior visibilidade desse grupo no Brasil (Teixeira, 2008, p.5).

Com isso, acredita-se que o primeiro cigano que chegou em terras brasileiras foi João Torres de Barros e sua família. Antes de abordarmos a chegada dos ciganos em terras brasileiras teremos de passar por toda uma caminhada entre continentes até chegarmos no continente sul americano.

Por conta da semelhança linguística dos ciganos como o romani ou romanês em relação à língua indiana como o sânscrito, acredita-se que a origem desse povo advém da indo-europeia. Mas outros elementos se mostram totalmente o contrário. Já que não pode ser considerado que somente um fato transcreva toda a origem de um povo. Acredita-se que por conta do não costume de escrever e bibliografar a história, os ciganos tenham esquecido seu lugar de origem, tendo visto que os mesmos não sabem dizer a respeito desse acontecimento.

Uma hipótese plausível que posso trazer para esse capítulo é que durante um tempo os ciganos viveram na Índia, incorporaram alguns costumes como a linguagem e foram então para a Europa. O pensar na linguagem cigana, que é parecida com a indiana, pode ser um caso de incorporação cultural. Mas não se pode dizer que por conta de sua linguagem eles vieram de lá, já que as outras características se assemelham bastante com a dos Persas. Ou seja, por conta dessa simetria cultural é possível que os ciganos tenham vivido no Oriente médio antes mesmo de irem para a Europa.

O capítulo acima é composto inteiramente de hipóteses. Tendo visto que todas as teorias que tentam demonstrar a origem cigana como indiana carecem de elementos/evidências. Os termos ciganos como: *cigány*, *tsigan*, *zingaro*. Surgiram a partir do Bizâncio¹ que eram conhecidos neste local como *atinghanoi*. Existem relatos de que esse povo também habitou a Armênia e o Irã antes de sua chegada pelo estreito Bósforo na Europa.

De acordo com Moonen (2013), um dos primeiros documentos que se referiam aos ciganos data do ano de 1050. Houve também migrações ciganas para Grécia, cujo lugar em que moraram foi denominado pela comunidade de “Pequeno Egito”. Durante o século XV esse povo migrou para a Europa Ocidental que por conta de uma “teórica origem egípcia” foram chamados de egípcios ou egitanos.

Todas as elenicações de nomes foram dadas a partir da sua suposta vinda do Egito. Assim, foram conhecidos como *gypsy* no inglês, na França como *gitan*, *romanichel manouches* ou *boèmiens* e no espanhol como *gitanos*. Por que então a denominação “ciganos”? Esse termo foi dado em português e em italiano advém de atsinganos do termo grego. Ou seja, torna-se muito difícil saber a origem desse povo de maneira exata, já que os mesmo a desconhecem e não mostram interesse algum em saber sobre de onde derivam. Deixando assim, uma tremenda dificuldade nesse estudo se o objetivo fosse trazer a origem dos mesmos.

Durante o século XII até o século XIX muitos ciganos foram escravizados na Romênia e nos Bálcãs por conta de um processo migratório da Turquia para Europa Central e Oriental. Esse acontecimento carece de (muitos) registros. Sendo então um mistério se foram escravizados por conta de guerras ou para simplesmente serem servos. Por essa razão, também trouxeram/incorporaram aspectos da cultura dos romenos.

No século XV, aconteceu a migração cigana para a Europa Ocidental. Tendo as primeiras notícias da chegada desse povo na Alemanha: “indivíduos com uma pele escura ou preta, de aparência horrível e com alguns hábitos nada agradáveis” (MOONEN, 2013, p. 19). Essas são as características que foram descritas por alguns escritores a respeito dos ciganos que se encontravam em solo alemão naquela época.

¹ Bizâncio foi uma cidade da Grécia antiga que foi fundada por colonos negros da cidade de Mégara.

Por conta de uma suposta vida “boêmia” e até mesmo os furtos, que foram descritos por autores como Moonen (2013), esse grupo começou a ser muito malvisto na Europa num geral. Por assim, por conta desse hábito a Europa começou o processo de políticas não ciganas, sendo acatadas por inúmeras regiões, ao ponto que, foram perseguidos e expulsos de inúmeras cidades. Percebamos as características fenotípicas que são enaltecidas nestes escritos e que contribuem para engordar a concepção de estigma.

Uma das conjunturas mais famosas foi o holocausto contra os judeus. Deve estar se imaginando “o por que” de estar falando a respeito do holocausto nesse trabalho e o porque do envolvimento dos judeus, já que estamos abordando ciganos nessa monografia. Um fato que é esquecido por muitos foi a morte de 250 a 500 mil ciganos durante o holocausto. Essa parte da história que não é lembrada se caracteriza como o “holocausto esquecido”. Acontecimentos como indenizações e os monumentos que se retratam a respeito do holocausto são sempre a respeito do holocausto judaico. Já que o preconceito cigano perpassa desde antes da Alemanha.

O preconceito contra os ciganos já vinha desde muito antes na Alemanha. Um dos motivos eram as suas passagens criminais. Assim, os ciganos foram exterminados por motivos raciais, sociais e também por serem criminosos natos. Auschwitz foi o campo de extermínio que mais recebeu ciganos – cerca de 23 mil, dos quais 20 mil morreram (MOONEN, 2013 apud SCHERMA AT ALL, 2014, p. 4).

Abordaremos a respeito de xenofobia, etnocentrismo e dentre outras denominações no segundo e no terceiro capítulos. Contudo, é necessário que seja frisado que muitos dos motivos de “extermínio” que esse povo passou foi por conta de inúmeras passagens criminais, por motivos de raça e por não pertencerem à sociedade. Cerca de 23 (vinte e três) mil ciganos foram mandados para o campo de concentração de Auschwitz. Campo de extermínio que matou 20 (vinte) mil desses ciganos. Antes mesmo da segunda guerra mundial outros campos já tinham recebido ciganos. Na Alemanha, existiu um Serviço Central de Combate a Praga Cigana ao passo que muitos desses ciganos foram levados para os campos de concentração a partir desse serviço. Assim, levando ao “extermínio”² dos ciganos que viviam na Alemanha.

² A palavra “extermínio” é usada entre aspas para mostrar que a palavra não deve ser levada em sentido literal. Pensando que a mesma é usada para enfatizar uma enorme perda de um grupo étnico, por dizimação via assassinatos ou pela cultural via recrudescimento dos estigmas que os acompanharam.

Capítulo 1.3: Trânsitos brasileiros

Como já dito, existem documentos que relatam que João Torres de Barros junto de sua família foram os primeiros a chegar em solo brasileiro. Em alguns casos é dito que por conta de uma condição miserável em que a família de João de Barros vivia em Portugal eles foram deportados para o Brasil. Desse modo, acho importante esclarecer dentre inúmeras notícias tendenciosas que não acredito nessa hipótese. Com uma lei posta em vigor – Lei XXIV. Data de 26 de Novembro de 1538 tendo como objetivo expulsar todos os ciganos das terras de Portugal. É mais que possível que João Torres de Barros tenha chego no Brasil no ano de 1574 por conta de uma lei que já vigorava no país.

O processo definitivo de expulsão dos ciganos de Portugal começou no ano de 1686. Ao ponto que foram enviados inúmeros ciganos para o Maranhão, Minas Gerais e etc. Mesmo levados para outras terras, o preconceito a respeito desse povo parecia ainda andar junto deles. A prática de furtos pelos ciganos não era novidade para ninguém, mas a linha da culpa sempre caia por cima dos ciganos. Não importava se eram culpados ou não. A verdadeira importância era a de legitimar todos os problemas a esse povo. E percebiam que o “crime” de furto é em todos os códigos penais ocidentais, classificado como crime contra o patrimônio. Ou seja, a lógica do capitalismo é a da propriedade privada e de sua acumulação, excluindo formas e maneiras outras de viver ao seu arrepio – em maior ou menor medida.

Existem informações de que os ciganos durante o século XIX trabalharam como vendedores de escravos, em caldeiras, dançando e etc. Ou seja, trabalhavam em outros meios. E muitas das vezes, mesmo no seu campo de trabalho, eram perseguidos. Um exemplo a ser mencionado é trazer que as mulheres ciganas que trabalhavam com esoterismo eram perseguidas pelos policiais. O século XX foi marcado pela vinda dos ciganos Rom. A cargo de curiosidade, é passível de mencionar que o Brasil já teve um presidente cujas raízes derivavam dos ciganos. Sendo este, salvo engano “Juscelino Kubitscheck” (TEIXEIRA, 2007).

Falar a respeito dos números populacionais dos ciganos é muito complicado. Em alguns sites são dados como oitocentos mil ciganos, já em alguns artigos, afirmam ter

um milhão e quinhentos ciganos em solo brasileiro. Muito me parece que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não faz a contabilização populacional contando os ciganos. Já que saiu uma nota informativa do MPF (Ministério Público Federal) ao que pedia para que incluíssem esse povo. Essa petição foi feita no ano de 2018 ao passo que serão contabilizados nas pesquisas no ano de 2020.

Três são as divisões de ciganos. Sendo esses Rom que contêm características dos países bálticos; Calon ibéricos que predominavam os países como Portugal e Espanha e os Sinti; que têm sua predominância na Alemanha, Itália e França. A imagem abaixo mostrará melhor como foi o processo de nomadismo desse grupo pelo continente Europeu.

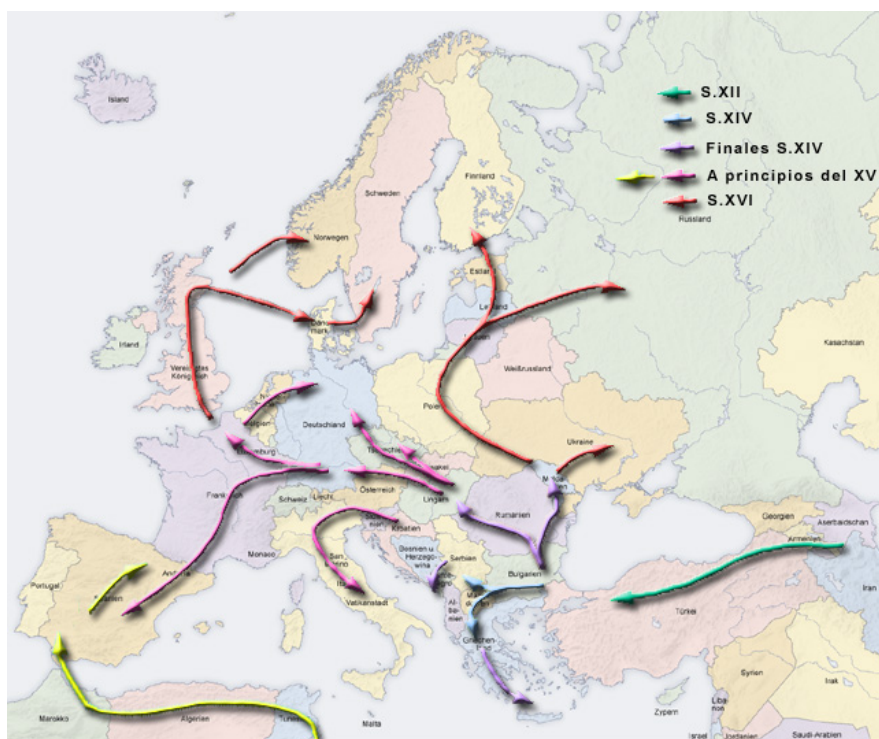


Figura 1- Movimento Cigano pela Europa

Fonte – (<http://despertar.saberes.org.br/saberesancestraistradicionaisnativos/os-ciganos-ou-roms-sua-hitoria-e-sua-tradicao/>).

É comum dentro desse campo de pesquisa que se determine a todos esses três grupos apenas uma denominação, a de cigano. Talvez seja pelo fato cultural? Ou simplesmente por conta de um preconceito. Já que esse grupo tem grandes diferenças um com o outro. Se pensarmos na linguagem vamos ter alguns ciganos falando somente a língua do país em que moram e outros falando diversas línguas.

Os ciganos mais estudados são os Rom. Por isso, tende-se a generalizá-los como se fossem todos os ciganos. Mas os grupos apresentam muitas diferenças. Assim como não existe uma língua cigana universal também não existe uma cultura cigana universal. O nomadismo, presente em todo o imaginário sobre os ciganos está muito mais presente entre os Calon do que entre os Rom. Pode-se dizer que a generalização é um dos maiores problemas dos estudos sobre os ciganos. (SCHERMA AT ALL, 2014, p. 6)

Um dos problemas que podemos elencar é a generalização desse povo. Sendo encontrado nessa generalização inclusive, dentro de vias literárias. Assim, além de dificultar o trabalho tem-se que muitas das informações podem ser categorizadas de maneira errônea. Contudo, mesmo dentro dessa perspectiva acredito que por conta de uma generalização todos sofrem problemas por terem sido colocados dentro “ de caixas”³ que os enumera como ciganos.

Capítulo 1.4: Linha que se move.

Em uma passada de olhos nas matérias policiais, revistas e jornais me deparei com alguns envolvimento criminais realizados pelos ciganos. Em sites como Campo Grande news⁴, foram encontrados inúmeros relatos a respeito desse grupo. Todas de cunho informativo a respeito da cultura desse povo ou até mesmo envolvimento com a criminalidade. Esse parágrafo se torna um item muito importante para essa pesquisa. Tendo visto que iremos abordar ideias que irão nos proporcionar o início de enormes reflexões.

Perante os tempos de pesquisa que venho realizando para pensar esses sujeitos, os ciganos, percebi que muito do sofrimento desse povo se dá pelo seu passado nômade mas principalmente por um via de não pertencimento a um país. Mesmo em solo brasileiro os ciganos estarem a mais de um século no país muitos não os veem como

³ É posto dentro de aspas a palavra “de caixas” em um sentido figurativo.

⁴ Campo Grande News, é um jornal informacional da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

pertencentes da nação. Seja por serem minorias ou por total estranhamento diante uma total conjuntura de diferenças.

Existe um termo trazido pelo Sociólogo Norbert Elias (1965) que nos ilustra uma ideia de fronteira como não unicamente uma divisão de territórios, mas também, de divisão de “maiorias”⁵ e “minorias”⁶. Esta linha de pensamento é fundada como a ideia de fronteira que se move. Pensemos nas linhas fronteiriças que dividem o Paraguai e o Brasil. É sabido que essa linha é terminantemente imaginária e que diante dela, existem interações de paraguaios e brasileiros. Agora há de pensarmos no caso dos imigrantes Venezuelanos que adentraram no Brasil em busca de uma melhor condição de vida. A forma como todos os imigrantes vindos de países emergentes são tratados nos dá a possibilidade de analisarmos como minorias e a por conta desse pressuposto mesclar a teoria de fronteira que se move.

A ideia de uma linha de fronteira que se move pode ser tratada também como a forma em que se consolida as relações sociais e por assim, também as de poder. Assim, levamos a nossa mente para um bairro muito rico do Rio de Janeiro, ou até mesmo para um bairro rico de qualquer cidade. Nesse local, é possível ver ótimas moradias e acredita-se que as pessoas que moram dentro de suas casas, prédios e etc. São possuidoras de uma vida digna para um ser humano. Contudo, do outro lado da rua, bairro e etc. É possível encontrar um bairro pobre, não detentor de “belas moradias” e o pensamento de uma possível desumanização do que antes era digno. Consegue entender que as relações de fronteiras podem ser muito mais extensas do que apenas demarcações de terras? Basicamente, toda forma de divisão cria uma ideia de fronteira. Seja nos muros que dividem as casas, nas faixas de um país com outro, nas relações pessoais e etc.

Pensar nos ciganos e nos brasileiros é também mostrar que existe uma barreira, muro, fronteira entre esse povo e “o nós”. É possível em primeiro momento dizer que existe uma barreira cultural muito grande, que consigo traz um estranhamento e delegações de poder que desumanizam o indivíduo como ser HUMANO. Essa menção também é chamada de *insiders* e *outsiders*. Ou seja, aqueles que fazem parte, que estão dentro, e aqueles que estão do lado de fora, que não fazem parte e são observados pelos

⁵ Delego aspas para minorias representando aqueles que não fazem parte dos padrões sociais. Sendo por conta de uma etnia, cor, sexualidade, etc.

⁶ Outorgo as aspas para a palavra maioria dando o sentido de aqueles que fazem parte do padrão social.

insiders como não pertencentes da ideia do humano. Essas duas noções “*Insiders* e *Outsiders*”, são ótimas para entendermos o que é que está na margem social e o que não esta. Ou seja, o que está “dentro” e o que está “fora”. Sendo na noção de fronteira, nas relações sociais e etc.

Capítulo 2: Pensando nas Relações do Humano.

2.1: Pensando nas Relações do Humano ao Debate de Cultura.

No segundo capítulo dessa monografia, abordaremos questões relacionadas ao humano. Os próximos parágrafos irão trazer elementos da atual conjuntura de pensamentos a respeito do povo cigano que nos permitirá entrar em estado de reflexão. Trataremos de questões como cultura, etnocentrismo, causas do pós-colonialismo, relações de poder e etc.

A primeira análise diante do tema dessa monografia será abordar/ pensar no cigano como humano. E trazer elementos que o desumanizam. No final do capítulo anterior foi abordado a questão dos *insiders* e *Outsiders*. Darei continuação a essa linha de raciocínio trazendo novas explicações.

Foi visto que as relações sociais muitas das vezes são segmentadas a partir de muros sendo eles, visíveis ou invisíveis. Essa argumentação ganhará cor no terceiro capítulo dessa monografia, mas antes disso, trarei um pouco mais de noções teóricas para dar conta das análises feitas no terceiro capítulo.

muros físicos que nos rodeiam e, consigo as relações sociais que fazem parte do cotidiano de todos, pensaremos nessas colunas como muros separatistas. Não importa que essas divisas de concreto tenham a finalidade de trazer proteção, dar espaço ou delimitar algo. Não há como negar que diante desse segmento temos a quebra de relações humanas e a fixa ideia de proteção. Mas a grande questão é nos proteger de que? Se na verdade somos todos HUMANOS. Os muros de uma residência é um exemplo ótimo para pensar no ser humano como, somente aquele que se encontra dentro

de casa, como o legítimo SER humano. Já que tudo que está do lado de fora não é humano o suficiente para adentrar dentro do seu lar por uma livre e espontânea vontade. Se a principal função da divisão é dividir então de fato os muros trazem mais do que a delimitação dada pelas Relações Internacionais, elencadas por Hobbes, Locke e etc. Ou seja, são mais do que um meio para garantir a propriedade privada. Hobbes, um autor realista, não pensava nos muros, mas sim, na obtenção da propriedade privada como um bem. E, é a partir dessa linha de raciocínio que hoje usamos de muros para delimitação.

Não nos cabe apenas nos atentar para as relações de muros de casas com o meio externo, mas esse exercício mostra que mesmo nas práticas básicas temos o costume de desumanizar todos aqueles indivíduos que nos são desconhecidos. A desumanização do desconhecido será a palavra chave para a abordagem desse capítulo.

A análise da ideia do muro em uma casa, para delimitar o espaço, proteger e afastar faz todo sentido quando pensamos esse meio em um sentido maior. Agora pensemos em autores neo-realistas. Quando o teor de suas ideias mostra beber do realismo. Entretanto, foi moldada por uma nova fase da realidade. O rigor da teoria se mostra para as Relações Internacionais uma nova forma de abordagem para se olhar os acontecimentos do mundo e, continuar trazendo concepções que auxiliariam a como ver o cenário internacional visando o bem estar dos Estados. Mesmo a teoria neo-realista sendo criticada pelos neoliberais, cujo a maneira de se pensar nos Estados trata as “linhas” fronteiriças como áreas que não devem ser temidas. Para os neo-realistas é importante que o Estado assuma um caráter de defesa diante essa região.

Um Estado, para os realistas/neo-realistas, deve colocar as regiões de fronteiras como locais de alta-periculosidade. As casas colocam nas áreas de suas propriedades muros com medo do que vem de fora. Os E.U.A, desde antes do governo do Obama fincou muros que separavam suas terras da dos Mexicanos. Qual a melhor maneira de pensar os muros se não, como proteção por medo do externo/outros com isso, estranhos/desconhecidos.

Começaremos a abordar a respeito do desconhecido trazendo a citação do livro “Cultura um conceito antropológico” de Roque de Barros Laraia.

Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos estão de que são melhores do que todos os outros (Laraia, 2013, p. 11).

Assim, se torna possível embasar nosso raciocínio a partir da concepção do outro/estranho/*outsider*. A escolha da sua própria cultura como legítima demonstra em práticas que são os meios conhecidos que nos levam a negação de tudo que não é. A obra de Laraia tem como finalidade mostrar o homem como um ser cultural.

Cultura está ligada a toda a essência do ser e dela derivam-se todas as nossas práticas, escolhas, decisões e etc. Para o autor, a diferenciação dos outros animais em relação ao humano se dá perante a fala. Ou ainda perante o que nos caracteriza enquanto humanos, a saber: a capacidade de simbolizarmos. A diferenciação do SER (humano) está vinculada a prática da fala e com ela, o ato de se passar todo um passado histórico de geração a geração na produção de memórias, de narrativas que dão sentidos e atribuem significados ao viver.

A menção do outro trouxe inúmeras delegações de poder. Mas antes de entrarmos no tópico de poder, vamos continuar a abordar a respeito da cultura e como ela se vincula em relação ao outro e as linhas móveis de fronteira. Analisando um país, em especial o Brasil, em seu mérito está a diversidade cultural que o estrutura e então as suas práticas relacionais quando choques culturais ocorrem.

A primeira questão a ser analisada deve ser a relação dos OUTROS que inclui os ciganos com essa minoria/“maioria”⁷. Mesmo com todo o passado de trânsitos dos ciganos hoje nos deparamos com esse grupo em solo brasileiro, sem memórias repetidas para os compreendê-los que resultam em implicações como a menção da ausência de políticas públicas. E, junto dela a falta de direitos básicos para esse povo.

Muito se mostra que a diferença de “minorias” para “maiorias” é se você sofre com os padrões impostos pela sociedade, ausência de políticas públicas destinadas a sua particularidade ou a não aceitação da sua particularidade na esfera pública. É mais do que mencionável citar o artigo quinto da constituição brasileira.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...(Planalto, 2018, s/p)

⁷ É colocada a palavra maioria em aspas tendo em vista que a união de todas as minorias tornam-se maioria. Um exemplo é mencionar a população negra que constitui o solo brasileiro em mais de 53% de um todo e, mesmo assim, são delegados como minoria. Ou seja, se juntarmos todos os grupos sociais que são tidos como (minorias) teremos um sobressalente no número do que é “maioria”.

O artigo quinto da CF de 1988 é muito bonito posto no papel. Entretanto, não se mostra vigorar quando o assunto se transfere para o princípio Aristotélico ao passo que “Devemos tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais na medida em que se desigualem”. Assim, é possível ver que na prática o artigo quinto da constituição não parece ser levado à risca.

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante (Laraia, 2013, p. 67).

Essa passagem do livro de Laraia nos é muito importante para analisarmos alguns fatores. O primeiro deles é a maneira como nos colocamos diante a diversidade, o segundo é como analisamos um suposto “choque” cultural e o terceiro como é colocado nossa visão diante nossas experiências culturais. Melhor explicando, é exemplificando as formas de dominação que tivemos no passado do mundo, quando os Portugueses e outros países fizeram de outras terras suas colônias. A maneira como esse ato ultrajante foi realizado foi a partir do choque cultural que foi visto. E como tendência cultural, foi escolhido a cultura do próprio para se sobrepôr a do outro. Por fim, temos que de toda e qualquer ação é resultante do fruto cultural.

2.2: Pensando nas Relações do Humano ao Debate de Poder e Cultura.

Ainda perpassando a visão de cultura de Laraia, há de se dizer que os ciganos são possuidores de um passado histórico repleto de desencontros ou maus momentos. Devido ao choque cultural e o julgamento realizado pelo outro, esse grupo sofreu e sofre com problemas de preconceito cultural até os dias atuais.

Como o intuito desse trabalho para além de fazer uma revisão bibliográfica de algumas literaturas voltadas aos ciganos no Brasil é também a de trazer fatos da chegada desses povos em solo brasileiro. Precisamos lembrar da lei XXIV de Portugal que expulsa todos os ciganos de Portugal. Além desse decreto, comparar com o holocausto esquecido que matou inúmeros ciganos.

Perseguição é a palavra que se atrelará a definição desse caso em específico. Quando são trazidos os marcos históricos como o decreto de Portugal e o Holocausto

esquecido na Alemanha, precisamos enfatizar que as culturas do outro não geram só um estranhamento assimétrico, mas, também um assédio a intolerância da cultura do outro.

Falar sobre poder é trazer o abuso dele por parte de entes estatais que colocaram o medo acima de conjunturas que hoje são denominadas como essenciais. Assim, é inviável não mencionarmos a declaração dos direitos humanos realizada em 1948. Acontecimento que foi feito por causa das atrocidades que foram cometidas ao SER humano.

Quando procurei no Google a respeito da declaração universal dos direitos humanos me deparei com uma aba ao lado que trazia a aprovação dada pelo “Livro por Comitê de Redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos” por parte dos leitores, isto é, 81% (oitenta e um por cento). Com isto, me veio a mente como poderiam existir reprovações quando o assunto se trata dar direitos básicos que vão contra a morte e a perseguição de culturas mas acima de tudo PESSOAS/SERES HUMANOS. Passados alguns meses, percebo no contexto atual o quanto se trata de assunto delicado face ao crescimento de crimes de ódios, sobretudo, no pós pleito para presidência em 2018.



Figura 2 – Declaração dos Direitos Humanos no Google.

Fonte – (<https://www.google.com.br/>)

Isso mostra a desaprovação por parte de dado percentual da população a respeito de direitos humanos. Diante do cenário internacional em especial em 2017 e 2018 um aumento de políticas voltadas a discursos que reforçam ideias de acontecimentos passados como o holocausto e etc. Agora, não exatamente voltado para uma “raça”, mas a toda uma minoria que congrega como antes coloquei, distintos grupos marginalizados socialmente. Desde a eleição do Trump nos EUA projetos como a construção do muro que divide os norte-americanos dos mexicanos mostrou-se um projeto que visava não permitir a entrada de imigrantes ilegais no país. Mas não devemos nos deixar esquecer que a fronteira dos E.U.A com o Canadá não é nada a menos que uma faixa. Enquanto as fronteiras com o México são delimitadas por gigantescos muros de ferro. Assim sendo, essa atitude se mostra relativa, pois se a intenção é implantar muros para a segurança do país, porque não cercar todas as suas terras mas somente uma parte? Além, temos as eleições presidenciais que aconteceram no Brasil, com a eleição de candidato cujo discurso era totalmente voltado contra as minorias. Prometendo ações como a não marcação de terras indígenas, a diminuição da maioridade penal, bem como não tolerar “coitadismo”.

Entender que abordar a respeito de minorias também é falar dos ciganos é fundamental. Pois se fosse possível colocar em patamares de minorias teríamos esse grupo como OS INVISÍVEIS. Tendo visto que nem contabilizados por dados gráficos são ou, por muitos nem serem detentores de documentos como certidão de nascimento e outros mais fundamentais para a relação com o Estado, como certidão de nascimento e RG (também conhecido como “identidade”). Por assim, a causa de muitas ausências de direitos são atribuídas à falta desses documentos, mas o que não deveria interferir, pois são brasileiros e deveriam ter direito e deveres iguais. Mas o sentimento que parece ser dado a esse grupo é só o do esquecimento.

2.3: Pensando no Etnocentrismo no Ser e na Cultura.

Recapitulando, temos que o ser humano é predominantemente um ser cultural e, por conseguinte, coloca sua cultura como a predominante, podendo gerar com isso estranhamentos com a cultura do outro. Podendo gerar possíveis aversões, perseguições e enfrentamentos com o que denominamos de “outros”. Tendo também, esse grupo de outros como minoria pois não se encaixam nos padrões impostos pela sociedade. E que o estranhamento cultural pode ser realizado dentro do mesmo país, pois a linha de fronteira não necessariamente é para delimitar espaço entre países, mas tende a se mover gerando um estranhamento cultural que pode ser visto como uma fronteira/barreira.

Aprofundando termos e conceitos dados por Everardo Rocha em seu livro “O que é etnocentrismo”, melhoraremos a maneira como vemos essas relações de “choque”⁸ com o outro/*outsider*.

Em uma primeira análise do que é o etnocentrismo temos como uma visão do mundo em que o “nosso”⁹ grupo é dado como o centro de todas as relações e verdades. Parâmetro esse, que dá ao outro, sentidos que são elencados/ taxados a partir dos nossos valores, moldes e modelos. Pensando por uma via intelectual, pode-se dar como dificuldade de termos ao dessemelhante dentro de um plano afetivo. Sobrando então, apenas sentimentos como a estranheza, hostilidade e o medo. Já que esses fundamentos são atribuídos a DIFERENÇA por conta de um processo cultural que coloca como único e verdadeiro suas experiências em relação ao desigual. Dito de outra forma, é difícil colocarmos o que não é familiar (o outro, o estranho, o de outra cultura) dentro do nosso círculo de afetividade. Dando ao divergente, em um plano emocional, sentimentos que se aproximam do receio, antipatia e etc.

Trazer o conceito de cultura como aquela que nos rodeia e está presente desde a nossa fala, as nossas escolhas e atitudes nos dá o sentido da ausência de novas culturas a nossa volta. Pois vivemos rodeados de vizinhos, amigos, pessoas em geral que têm “a mesma cultura” que a nossa e, quando se foge da regra depositamos condolências de estranhamento e etc.

Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em

⁸ Coloco aspas à palavra choque para indicar que ela se encontra em um sentido figurativo.

⁹ Aplico aspas à palavra nosso dando um sentido de subjetividade a palavra.

hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferente (ROCHA, 2007, p. 20).

Assim, nos mostra que muito do que o etnocentrismo aborda traz consigo em seu conteúdo muito mais do que só delegações de estranhamento com o outro. Mas também uma mistura do irracional com o racional e o sentimental. Se acostumar com o diferente e olhar para o DIFERENTE é um processo que demanda deixar o sentimentalismo de lado e mudar a forma como encara e observa o outro e o mundo. Entender que as relações de convivência e por assim, sociais não se encontram atreladas somente ao “seu mundo”, mas que esse universo, esse todo, é composto por inúmeros outros elementos. Que dão a toda essa esfera o material para continuar girando não em pró de uma sociedade, mas sim, por uma categorização muito maior do que a penas social. Ou seja, a “maquina do universo”¹⁰ social não roda somente em pró da sua verda mas se consolida diantes todas as verdades.

O grupo do “eu” faz, então, da sua vida a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou inteligível. Este processo resulta num considerável reforço da identidade do “nosso” grupo. No limite, algumas sociedades acham-se por nomes que querem dizer “perfeitos”, “excelentes” ou, muito simplesmente, “ser humano” e ao “outro”, ao estrangeiro, chamam, por vezes de “macacos da terra” ou “ovo de piolho”. De qualquer forma, a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade o “outro” é atrasada. É o espaço da natureza. São so selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa menos humanos, pois, estes somos nós. O barbarismo evoca confusão, a desarticulação, a desordem. O selvagem é o que vem da floresta...(ROCHA, 2007, p.10)

Dessa forma, temos mais argumentos para dar legitimidade à fonte da construção das relações de poder bárbaras. Isto é, que dão cartas brancas para as realizações de atrocidades como o holocausto cigano. Assim, é a partir da visão da sua sociedade como centro do mundo que são levantados pretextos para a realização de atividades contra o SER humano. Em especial, descaracterizando aquele ser, tornando-o NÃO HUMANO ou não merecedor da humanidade.

Assim, torna-se possível dar um teor argumentativo aos excessos ocorridos no passado das minorias, em especial a dos ciganos e conseguir entender o por que da não vigência de políticas públicas para esse grupo. Entretanto, todas essas linhas de

¹⁰ Máquina do universo é posto entre aspas simbolizando a linguagem não literal da palavra.

pensamento só tornam mais palpáveis e menos compreensível a razão pelo descaso com relação aos ciganos. Pois, mesmo dando espaços para o pensamento etnocêntrico e outras vias, eles ainda possuem duas pernas, dois braços, costumes, o poder da fala, da argumentação, continuam passando de geração em geração todo um processo histórico que acumularam ao decorrer de eras e etc. Sendo assim, permanecem humanos, a despeito das práticas estatais confluírem para a produção de sujeitos humanos não respeitados enquanto tais.

Capítulo 3: Ciganos, Cultura e Etnocentrismo

3.1. Notas introdutórias

Damos início a esse capítulo relembando um pouco da história¹¹ cigana. Como uma forma de “costume” (ou modos de ser e estar reiterados no tempo/espaço), temos que os ciganos não têm o hábito de bibliografar, armazenar ou escrever relatos/contos a respeito de sua história. Tal como outros povos/populações que tendem ao nomadismo, a exemplo, dos Kaiowá e Guarani (SOCIOAMBIENTAL, 2018), cujo acento nas relações se dá através da oralidade ao invés da escrita. Entretanto, o primeiro arquivo brasileiro que abrange a respeito desse grupo se dá em 1574, ao qual temos a chegada de João Torres de Barros junto de sua esposa e filhos em Minas Gerais. É a partir de 1718 que os ciganos ganham mais números em terras brasileiras e assim, geram uma maior visibilidade (TEIXEIRA, 2018).

Uma matéria realizada pela TV Brasil, durante o programa repórter Brasil, que teve sua matéria publicada no dia 21 de maio de 2013, traz de maneira abrangente as singularidades dos povos ciganos. Um breve relato de seus costumes e a reportagem os classifica como: povos saídos da Índia cuja maioria é nômade. O nomadismo traz em ênfase um grande conteúdo histórico desse povo, obtendo uma ideia cultural a partir da premissa do ser nômade.

É necessário complementar antes de adentrarmos essa ideia que de acordo com Roque de Barros Laraia “Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos” (2013, p. 59). Sendo assim, temos que toda a resposta (essência do ser) de um indivíduo que é eminentemente social dá-se pela cultura ou pela

¹¹ Nosso esforço foi o de concentrar as discussões sobre as narrativas e discursos acerca dos ciganos (em solos brasileiros) no primeiro capítulo.

tradição (que em ênfase é cultura) que é passada de geração a geração. Nosso corpo (biológico) se molda a partir das nossas relações sociais, em especial, dos grupos aos quais pertencemos e do quanto somos capazes de simbolizar.

É importante observar que não falta ao chimpanzé a mesma capacidade de observação e de invenção, faltando-lhe, porém, a possibilidade de comunicação. Assim sendo, cada observação realizada por indivíduo chimpanzé não beneficia sua espécie, pois nasce e acaba com ele. No caso do humano, ocorre exatamente o contrário: toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação (LARAIA, 2013, p. 52).

Laraia traz em seu livro – Cultura: um conceito antropológico- que a cultura é um processo evolutivo infinito que se transmite no momento da fala do ser humano. Esse processo desencadeia inúmeros processos (culturais) e obtém uma acumulação que em sua continuidade se mantém passando por mudanças de geração a geração. A passagem feita no parágrafo acima nos mostra que portamos todos os processos culturais e que ainda os modificamos e passamos adiante. Sendo assim, é importante que entendamos os ciganos (assim como todos os humanos), enquanto detentores de sua própria cultura como seres sociais que têm sua forma de viver, escolher e almejar benefícios em pró da sua vida/cultura.

O nomadismo cigano tornou o processo cultural (assim como todos os processos culturais) um grande processo histórico que por conta de uma relação com outras culturas modificou-se e continua modificando-se. Entender todos os seres humanos como detentores de uma cultura social é entender que suas atitudes e escolhas podem/são embasadas por uma identidade cultural que não necessariamente converge para a “nossa”. Os não ciganos (assim como os ciganos), seres detentores de todo passado cultural e fadados a modifica-lo e passá-lo a diante tem toda a carga cultural como plena detentora de nossos anseios, escolhas e almejos. Para melhor detalhar tenhamos em mente os africanos. Estes foram notoriamente retirados de maneira violenta de “sua terra” e/ou do seu continente e por conta dessa atrocidade, muitos se viram sem “chão” (já que foram colocados em um local com uma cultura diferente). Aliás, basta que revisitemos nossa própria história escravagista. Em suma, graças a este movimento atroz, inúmeras foram as mortes que abateram corpos negros. Assim, também se encaixam os ciganos, que foram violentamente expulsos de Portugal e obrigados a irem para o Brasil/África. Apesar disso, por conta de um passado

migratório, conseguiram manter sua cultura acesa para enfrentar as atrocidades que colocaram a eles e as que estavam por vir.

Os ciganos começaram a fazer parte da história do Brasil por conta do projeto colonizador e o decreto – Lei XXIV. Data de 26 de Novembro de 1538 - que não permitia ciganos em terras portuguesas. A chegada desse grupo no Brasil trouxe consigo o medo do outro/medo do desconhecido, ocasionando assim, a detenção da imagem majoritariamente ruim, imposta pela população brasileira como: sujos, vagabundos dentre inúmeros outros adjetivos - nomeações essas que batem de frente com uma preconceção abrindo alas para o pré-conceito. Com essas premissas já colocadas, neste capítulo analisarei os textos encontrados na plataforma Scielo e Periódicos da Capes.

3.2. Tateando a pesquisa na plataforma Scielo e Capes

O primeiro contato a fundo que tive com os ciganos foi a partir das literaturas brasileiras encontradas na plataforma Scielo. Este, destinado à pesquisa e busca de temas inseridos em uma plataforma – biblioteca virtual de periódicos renomados em cada área. Tem como sua função disponibilizar, facilitar ou dificultar¹² a procura de respectivos artigos em determinados temas.

Ao buscar no site do scielo (www.scielo.org) as palavras “Ciganos” me deparei com 28 resultados. Com o intuito de sintetizar ainda mais o modo de pesquisa, procurei por ciganos no Brasil e achei o total de 4 resultados.

3.2.1. Os Ciganos no Rio Grande do Norte

O primeiro dos trabalhos chama-se “Os ciganos do Rio Grande do Norte: caminhos e trânsitos”, escrito por Lisabete Coradini (Pesquisadora e professora do programa de Pós-Graduação em Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Virgínia de Araujo Souza (Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

No Rio Grande do Norte, de acordo com a pesquisa feita pela UFRN junto com a Pastoral dos Nômades no Brasil, estima-se que tenham cerca de 5.400 ciganos.

¹² Refiro-me a palavra “dificultar” pois a plataforma pode nos trazer inúmeras informações que dificultam o encontro de um em específico.

Estando este, dividido em 12 cidades do Estado do RN, ao qual 70% desses 100% são sedentários (Não são nômades) (CORADINI, 2014, p. 205)

Muitas das necessidades do nomadismo, atualmente, são advindas das precariedades que geram a busca por melhores condições de vida. A decorrente migração, seja interna ou externa é explicada pelos teóricos neoclássicos como “...consideravam a mobilidade como categoria de análise o próprio indivíduo.”, “...O migrante é definido como segundo tal perspectiva, como um portador de trabalho”. (CARDOSO, 2016, p.1-2) Sendo assim, pensamos no migrante como pessoa, em seu singular, ao passo que sai de sua região na/em busca de melhores condições de vida. Os ciganos, considerados nômades, vistos a partir da visão dos teóricos neoclássicos não se encaixam nessa maneira de pensar. Já que migram de um lugar para outro em seu coletivo. Mas faz sentido quando pensamos que esse nomadismo também é dado a partir da procura de novas condições de vida.

O nomadismo cigano não é só advindo da necessidade. Em certos grupos ciganos o ato de migrar se dá também por conta da morte de um ente querido. O fato de termos 70% de ciganos sedentários no Rio Grande do Norte se dá pela tentativa de conquista e valorização do seu espaço. A necessidade dos dias atuais parece ter mudado da migração (para alguns grupos) para o sedentarismo e a sua busca por direitos.

A autora argumenta em seu texto dizendo “A imagem do cigano pode representar liberdade, alegria e tradição, ou, por outro lado, indolência, marginalidade, parasitismo e vagabundagem” (2014. p. 209) referindo-se a como a sociedade vê/categoriza os grupos ciganos. Temos que, os adjetivos/denominações dados aos ciganos (quando são depreciativos) no parágrafo acima trazem preceitos que legitimam o afastamento dos “gadje¹³” (não ciganos) em relação aos ciganos. Pensando na tentativa de aproximação entre os grupos sociais (minorias) com a sociedade envolvente, lembramos da não aceitação que é gerada por causa do pré-conceito/preconceito.

Os adjetivos de cunho depreciativo/pejorativo trazem preceitos que legitimam a forma de dominação. Uma categorização que estigmatiza é dada como um meio principal de conquista por parte da sociedade envolvente. Por conseguinte, o estigma gera o afastamento entre os grupos, abrindo assim espaço para o controle de um sobre o outro - lembrando que onde há dominação há resistência como bem enfatiza Michel

¹³ Maneira como os ciganos fazem referência aos não ciganos.

Foucault (2001). Se pensarmos na época em que os portugueses chegaram em 1500 e começaram os processos de alfabetização nos indígenas, há de se haver que essa prática seria uma maneira de dar conhecimento àqueles que não tinham almas, por parte daqueles que a possuíam. Eis o que na antropologia convencionou-se chamar de etnocentrismo, isto é, a imposição de meus ditames/regras sociais a grupos outros que não àqueles de onde venho.

O processo de colonização começa quando o ato de depreciação de um povo é efetuado. Trazendo assim, um grupo como “forte” e outro como “fraco”. As delegações de grupo forte e fraco são apenas para manter as relações de poder, já que em termos reais não se mensura o valor de uma cultura. Em outras palavras: não se dá nota para uma cultura, respeita-se a todas de maneira igual. Assim, temos que quando um grupo de forma negativa deprecia outro grupo, começa-se a criar uma relação de inferioridade de um e superioridade de outro, obtendo com isso formas/delegações de poder. Diante uma sociedade capitalista como a nossa, detentora de redes sociais e mídias virtuais o efeito hierárquico se torna devastador.

Uma das questões postas pela “população majoritária” é a representação de que necessariamente os grupos ciganos têm de ser nômades. A pesquisa de Coradini os caracteriza como “nômades sedentários”, já que o processo do nomadismo se dá apenas quando algumas ausências de políticas públicas batem fortemente em seus acampamentos. A necessidade de mudança é advinda da necessidade de hospitalização, remédios ou a morte de um cigano. É importante/necessário enfatizar a existência de casos em que os ciganos não são atendidos/socorridos em prontos hospitalares pela falta de documentação (CARIAGA, 2017). Algo que infelizmente não é por nós no cotidiano desnaturalizado, haja vista que a maioria só se torna ser social a partir da obtenção da certidão de nascimento.

O dia 24 de maio foi postulado como data de “comemoração” do dia do cigano no Brasil, tendo com isso também, uma maneira de trazer a público o desafio das políticas públicas contemporâneas. O decreto de 25 de maio de 2006 feito pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, deu a obtenção de um marco temporal com destino aos ciganos, entretanto não há nenhuma salvaguarda (para esse grupo) que será garantida o cumprimento dos direitos humanos ou mesmo que haverá uma implantação de políticas públicas, tendo em vista que os estereótipos (atribuídos pelos não ciganos) são atrelados fortemente a esse grupo (os ciganos). Assim, ao aspear a “comemoração”

no início deste parágrafo é para nos fazer perceber que estas datas, tal como, o 8 de março (dia internacional da mulher) tendem a fazer com que esqueçamos que se tratam de lutas atravessadas por muitas violências praticadas contra os ciganos até este momento de “reconhecimento” de suas existências e resistências em territórios brasileiros. Desta maneira, não se trata de “comemoração”, mas sim de marcação de processos históricos e contínuos de espaços de lutas para grupos excluídos.

“Pensando em alguns países europeus, a temática cigana pode assumir-se como um problema de ordem pública ou como um problema de privação de recursos e de acesso igualitário ao sistema de oportunidades” (CORADINI, 2014, p. 212-213). Esta citação da autora traz uma ideia de quão grande é o descaso com o grupo cigano e não só em solo brasileiro, mas também no europeu. Destacar que os ciganos não são detentores de privilégios, mas sim de uma grande luta por direitos que ecoa num grito de igualdade perante o artigo quinto da constituição federal brasileira e reverbera no clamor de que todos são iguais, faz com que analisemos a ausência de políticas públicas para os ciganos. E mais: faz com que enxerguemos perante uma ótica teórica pós-colonialista e etnocêntrica que esse grupo foi/é colocado como um ser cultural fraco que sofre com as amarras coloniais e etnocêntricas (assim como os indígenas) onde continuam sendo massacrados (por causa dos feitos colonizadores) com um processo histórico totalmente excludente/desigual que não dá direitos básicos. Então, percebiam que a perspectiva pós-colonial coloca o dedo na ferida etnocêntrica do colonialismo, que impôs (e continua impondo) “modelos padrões” (repetições a parte) como “normais”.

Trazendo outra citação que enfatiza as amarras coloniais/etnocêntricas que continuam a ferir os grupos ciganos, tem-se que

Os ciganos Calons no RN são moradores de áreas demarcadas pela linha de pobreza e geralmente marginalizada, sem saneamento básico e assistência à saúde, apresentam baixos índices de escolaridade, sentem a carência de documentação completa e não possuem vínculo empregatício, convivendo à margem de grupos sociais estabelecidos em um mundo de cultura de consumo que explora e marginaliza quem é destituído de riquezas. Atualmente, em sua grande maioria, os Calon, especialmente os do Nordeste, são extremamente pobres e destituídos de qualquer instrução ou educação formal. Normalmente “desempregados”, preservam sua cultura de serem “bons comerciantes”, como eles dizem, fazem biscates ou pequenos empreendimentos, com o conserto de automóveis ou compra e venda de artigos usados (CORADINI, 2014, p. 215-216). **(Destques nossos).**

O parágrafo acima é mais um trecho do artigo que mostra como os grupos ciganos sentem até os dias atuais as sanções do colonialismo. A falta de saneamento básico, documentação e os baixos índices de escolaridade são fatores importantes para pensarmos os por quês da não valorização desse grupo. Entender o meio em que eles vivem é captar a forma como a sociedade desvincula a condição do ser humano e os atribui como não humanos e, por isso, não são detentores de direitos básicos. Não é só o fator ausência de direitos que está implícito na vida do grupo cigano, mas também o da não aceitação social. O feitio de trabalho sem carteira assinada (“biscates”) ou algum direito trabalhista se dá pela total não aceitação desse grupo, bem como a não imersão dos mesmos na via social ou midiática que traz consigo consequências que tendem a ser denominadas como uma preconceção etnocêntrica - já que muitas dessas aceitações sociais são advindas de um passado colonial.

A presente monografia informa que a necessidade da busca de políticas públicas (direitos), do povo cigano, foi a causa fomentadora que fez com que antropólogos e estudantes transformassem esse caso em três níveis de análises distintas. Análises essas que são dadas por Castro (2010), a saber: -

1) a alocação da atenção pública sobre a problemática; 2) a modalidade de construção do problema em torno do dilema da diferença; e 3) as soluções que o desafio da diferença coloca aos poderes públicos. É inevitável dizer que “as formas como acontecem a mobilização e a interação entre esses atores interessados é o ponto principal para conseguir crédito público ao problema”(VITALE apud CORADINI, 2014, p.213).

Nas terras de nosso país encontram-se aproximadamente um milhão de indivíduos ciganos, sendo estes: Calom, Rom e Sinti. Salienta-se ainda que, desde o decreto feito pelo presidente Lula, não foram delegados/executados outros feitos pela comunidade cigana. Os ciganos do Rio Grande do Norte têm trabalhado com a ideia da reivindicação de seus direitos, construindo a partir dessa premissa uma associação para pensar e movimentar seus problemas em grupo, para então, a partir de assembleias e conversas com a comunidade estudantil e a sociedade do Estado de RN chamarem a atenção dos poderes públicos. Essa forma de organização fez com que a “união cigana do RN” tivesse uma visibilidade diante dos palcos políticos e públicos de seu Estado.

Não somente as organizações ciganas têm atuado suas lutas na busca de conseguir direitos básicos, mas também a de levar conhecimento (a respeito da cultura) para todo o Estado. Em 2012, foi realizada uma roda de conversa na Universidade

Federal do Rio Grande do Norte, pelos professores e pesquisadores Flávio José de Oliveira e Lisabete Coradini. A finalidade foi a de conscientizar o povo cigano e discutir ações políticas junto de membros da sociedade civil, com o propósito de ajudar com as necessidades básicas para que a cultura desse povo sobreviva. Percebamos o quanto as pesquisas nas Universidades Públicas fomentam também as ações de extensões, proporcionando o “entrar em contato” com a diversidade que ou desconhecemos por completo a existência ou que sabemos da existência, mas desconhecemos suas formas de ser e estar no cotidiano.

De acordo com Thomas Hobbes em seu livro “O Leviatã” (1997, p.47-50), “a natureza do ser humano em seu estado de natureza tem características ruins e só poderá ser controlada a partir de uma força maior intitulada como O Leviatã” e “a segurança da obtenção da propriedade privada só pode ser obtida a partir de uma força maior ao qual é intitulada como O Leviatã”. A partir dessa teoria, nos é cabível de entender que quando há um grupo de pessoas que não se encaixam nesses parâmetros de se ter uma propriedade privada, pois os mesmos são nômades, isto contribui para um estranhamento e uma incompreensão com relação a esse grupo – ciganos. Sendo assim, é de se entender que muito do fato de estranhamento/incomodo é gerado pela “saída” de uma regra de controle feita pelo poder maior o Estado/ o Leviatã (OKASAKI, 2018, p. 8).

Por fim, trarei uma última questão do trabalho “ciganos no Rio Grande do Norte”, destacando um de seus trechos. Se não, vejamos:

A luta dos ciganos do Brasil e especificamente do Rio Grande do Norte, cuja bandeira se faz pela demanda de uma ação política voltada para uma afirmação identitária dentro de um sistema capitalista excludente e de uma omissão histórica vergonhosa e, principalmente, pela falta de uma política pública voltada para essas comunidades, é uma luta legitimada pela própria Constituição Brasileira, uma luta justa e relevante para uma sociedade que se quer valorar pela perspectiva de uma cidadania plena, democrática e igualitária. (CORADINI, 2014, p. 217).

Pensar o quão imerso a cultura se encontra nas relações de poder é também pensar que as dominações (colonizações) foram dadas por conta de um gesto cultural bárbaro que legitimou feito de outros grupos culturais, “denegriu” e escravizou culturas para a satisfação de uma. Não se trata apenas de controle, mas sim de atitudes que trouxeram privilégios a grupos culturais a custos de gerações de outros seres culturais que viveram e vivem em condições de miséria. Algo que Judith Butler (2015) chamará

de “corpos abjetos” ou inumanos, cujas vidas cada vez mais se tornam preconizadas pela ação e/ou omissão do Estado brasileiro em todas as suas aparências, isto é, enquanto município, estado federado ou união (governo federal). Assim, quanto mais desimportante são aquelas vidas de grupos marginalizados, tanto maior o número de mortalidade e morbidade.

3.2.2. Mulheres ciganas e suas relações com as mulheres camponesas no Espírito Santo

Abordaremos de maneira descritiva e comparativa o artigo - Mulheres Ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários (2011). Escrito por Mariana Bonomo, Lídio de Souza, Zeidi Araujo Trindade, Fabiana Davel Canal, Julia Davel Canal, Julia Alves Brasil, André Mota do Livramento e Ana Paula Da Silva Milani Patrocínio, esta pesquisa foi realizada pela Rede de Estudos e pesquisas em psicologia social e o centro de Ciências humanas e naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Diferente do primeiro artigo que vimos nos parágrafos acima este não aborda a respeito da ausência de políticas públicas (somente), mas traz conflitos identitários que afirmam as relações de poder de um grupo com relação ao outro. Se não, vejamos.

Em seu início, falar a respeito de conquistas ciganas é adentrar em uma temática de inteiro descaso com relação a esse grupo. Quando se pensa em hospitais públicos em solo brasileiro se traz à memória a valorização e a preservação do indivíduo. Mesmo assim, foi só a partir de maio de 2008 que os ciganos começaram a ter o mínimo do mínimo em direitos. Esse marco traz ao grupo cigano o direito de serem atendidos em unidades de saúde e hospitais da rede pública, sendo sem a apresentação da documentação - já foi mencionado que muitos ciganos carecem de documentos. Nesse mesmo ano, foi criado uma cartilha “Povo cigano - O direito em suas mãos”, documento este que defende a inviolabilidade dos acampamentos ciganos (como se a inviolabilidade da casa/moradia/lar já não fosse prevista pelo artigo quinto da constituição).

Esses direitos citados no parágrafo acima, dados aos grupos ciganos, não são nada além da legitimação de que esse grupo não adentra na constituição federal, ou seja, não desfruta dos direitos que são dados “a todos”. A luta do grupo cigano que vive em terras brasileiras é pela necessidade de direitos básicos que deveriam ser dados a todos

os brasileiros. O artigo dos autores traz todos esses acontecimentos e ainda diz que “O preconceito, medo e discriminação, mantém estendido como estrangeiro, apesar de sua presença secular neste país” (BONOMO ET AL, 2011, p. 748). Assim sendo, a categorização desse grupo como estrangeiro os coloca em um patamar de desigualdade imputando aos gadjé (não ciganos) um olhar totalmente preconceituoso e xenofóbico (temor ou antipatia por pessoal ao meio daquele que as ajuíza), por parte das entidades do Estado e da sociedade.

É feito pelas (pessoas) autoras uma pesquisa de campo, cuja intenção é fazer perguntas voltadas às mulheres rurais que estejam próximas das áreas de migração dos ciganos. Ou seja, perceber como se dá a percepção de outros grupos minoritários com relação aos próprios ciganos que também são minorias (de acesso a direitos) tanto quanto os camponeses. A entrevista é feita com 10 mulheres rurais não ciganas, cujas respectivas idades estão entre 34 e 67 anos; ao passo que se têm 09 casadas e 01 divorciada; 04 tinham o ensino primário; 02 o fundamental e 04 nenhum grau de escolaridade.

Público	Escolaridade	Idade	Estado civil
10 Mulheres entrevistadas que moravam no campo, se consideravam donas do lar e tinham compromissos com o campo e com seus filhos	04 - Não possuíam nenhum grau de escolaridade 04 - Tinham o ensino primário 02 - Tinham o ensino fundamental	34 E 67	09 casadas E 01 divorciada

Tabela – Mulheres que foram entrevistadas nos campos

Fonte – (BONOMO ET ALL, 2011, p. 749-753)

Elaboração - Própria

Todas se encontravam na região aonde ocorriam os trânsitos ciganos em determinadas épocas, eram ligadas à agricultura e tinham o conhecimento de serem mulheres rurais e mães de família.

A pesquisa traz em primeiro plano algumas repetições de palavras, as das classes 1¹⁴ são: medo, cuidado, casa, rouba. Palavras que caracterizam o medo dos ciganos e a tensão vivida na relação entre a comunidade rural e o grupo cigano.

Eu fui criada naquele **medo**. Papai dizia: **cuidado** com o cigano! **Cuidado** com cigano! Aquele **medo** foi crescendo na gente”; “A maior coisa que falava quando vinha... ‘está vindo cigano!’ Então, o que a gente fazia? Trancava a **casa**! ‘Vamos fechar a **casa**, tirar as roupas do varal, porque está vindo cigano eles roubam tudo’. (BONOMO ET AL, 2011, p. 751).

Esse medo que perpassa gerações dificulta as relações sociais de proximidade com esse grupo, tornando-os cada vez mais invisíveis e cada vez menos pertencentes do país (dentro do imaginário social). A imagem cigana sempre (em regra) está caracterizada com pontos negativos e embasada nos clássicos estereótipos que reforçam o medo e as relações sociais.

Mas se a pessoa começa a agredir, começa a fazer coisa que não no alcance, ou sente **medo**, ou sente até bravura. Você tem que começar a agir porque eles ameaça entrar **dentro de casa**, ameaça com xingamento forte. Se você tem **medo**, você tem que fechar as **portas** e não dar atenção; Eu sei que ela me joga praga. Eu respondi que praga de urubu velho não pegava em cavalo gordo. Ela foi embora brava. Eu não senti nada, eu não acredito nisso. Eu só tinha aquele **medo** de cigano que eu me arrepiava todinha quando ela conversava com a gente. (BONOMO ET AL, 2011, p. 751).

O próximo elemento elencado pela autora refere-se ao contato tido entre a comunidade rural e o grupo cigano. Os elementos referidos tratam de um conflito interno ocorrido durante um pronunciamento de um casamento cigano, planejado para acontecer na comunidade, cuja serventia foi para fortalecer ainda mais a identidade cigana e, claro, a justificativa do afastamento do grupo rural com a dos ciganos.

¹⁴ Os autores trazem a categorização das vivências que cercam tais vidas, a saber: medo, cuidado, casa e se rouba ou não.

Essa ficou marcante. Nossa senhora! Os **ciganos** se atiraram por ali, uns vieram se esconder por aqui, uns se afundaram nas matas. Foi uma **briga**, uma **briga**! Uma turma estava embarracada ali e chegou os cariocas; aqui na comunidade que eu lembro dos **ciganos**, que **ficou** marcado, foi uma vez que eles vieram. Primeiro veio um grupo **cigano**, depois veio outro. Marcaram um casamento para fazer na **comunidade**. (BONOMO ET AL, 2011. p. 752)

Graças a Deus não matou ninguém. Foi uma **briga** feia mesmo. Isso a gente quase nem conversa mas todos sabem porque, tempos passados, eles **vieram** receber dívida de não sei quem, então a gente sabe que o trem é barra pesada”; “A maneira que foi passada, o que é **cigano** para nós, o que nós entendemos de **ciganos**, então, tinha essa discriminação que **cigano** era gente brava, gente ruim, **passava** essas imagens... **cigano** é ladrão, **cigano** mata, **cigano** rouba. Era tudo isso que passava de cigano, era uma tradição pra outra. (BONOMO ET AL, 2011. p. 752)

Com a temática a respeito da teoria de que algumas mulheres iriam até as barracas dos ciganos, tinham um contato mais próximo. O intuito das mulheres rurais era o de conhecer melhor o ambiente que é estranho e não compartilhado. Entretanto, como os autores colocam no artigo: “Tem um time de mulher aqui da comunidade que ia na barraca, mas eu não. Eu sempre me afastei. Elas são imundas”.(BONOMO ET AL, 2011, p. 753)

O afastamento por conta dos pré-conceitos se tornam mais fortes e excludentes. O ato de se ter medo do desconhecido, dado como xenofobia, é recorrente no dia a dia dos ciganos, mas vale ressaltar que não é porque você não conhece que de fato ruim. Um exemplo do desconhecido que categoriza a discriminação é relembrarmos mais uma vez a chegada dos portugueses em solo brasileiro. Mencionar a categorização concebida pelos portugueses em relação aos índios, como seres que não são detentores de almas, de acordo com o etnocentrismo é trazer a lembrança do passado aos dias atuais que o diferente é somente diferente. Essa imputabilidade do outro ter aspectos ruins pode ser vista de duas formas: A primeira natural e a segunda vinda de um passado cultural.

Como já mencionado no capítulo dois, o ser humano é fruto de experiências vindas de seus antepassados por conta de uma questão cultural, já que replicamos/passamos adiante nossa maneira de viver (cultura). Assim sendo, é possível colocar dentro dessa discussão a respeito do homem, como um ser cultural, a teoria pós-colonialista. A colonização aconteceu e deixou inúmeras defasagens nos países colonizados (de acordo com os pós-colonialistas). Com isso, é possível que consigamos

afirmar que por conta da possibilidade de disseminação cultural da colonização muito da cultura colonizadora se mantém mesmo diante de um ambiente colonizado.

Pensando nesses ramos internos da responsabilidade cultural de um país colonizado como começando a se disseminar/propagar diante e em meio a inúmeras formas de dominação. E podendo chegar até mesmo em uma escala de dominação que beira à anomia social da comunidade dominada. Temos que, ao colocar minorias em patamares de igualdade e as majorias como as privilegiadas, acima das minorias, é possível elencar acontecimentos que mostram a ausência e a obstrução de oportunidades. Fatores esses, que se mostram para os pós-colonialistas como forma de dominação e “frutos” do colonialismo.

Pensar no passado escravocrata do negro, que não teve nenhuma ascensão social em termos de igualdade constitucional, mesmo depois do término da escravidão é trazer à tona outros possíveis grupos que passaram por processos parecidos. É ponderar que por conta de um pensamento etnocêntrico não houve tal possibilidade, ao passo que o diferente continua sendo inoportuno e não digno de alguma ajuda, quiçá quando não ameaçar privilégios dos demais, pena. Assim como, pode-se colocar a não obtenção de recursos, para os povos ciganos. Mesmo não detentos de um passado escravocrata, devemos avaliar o processo histórico cigano que é proporcionado por implicações, como a retirada desse povo de sua terra e a vida transitória deles como imigrantes diante todo um globo. Outrossim, ter em mente que viver sem direitos de povos originários é ficar a mercê da sorte e mesmo depois de se tornarem originários continuam tendo ausência em direitos por conta de uma imersão social que não ocorreu.

É enfatizado no artigo “Mulheres Ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários”, a importância de deixar registrada a dificuldade em que as participantes rurais tem em falar sobre os ciganos, já que a sociedade rural tenta esquece-los a qualquer custo e o mais rápido possível. As conversas a respeito dos grupos ciganos só eram ocorridas (lembradas) quando o processo de nomadismo se iniciava. Ou seja, a comunidade usava como forma de estratégia o esquecimento para que eles não ficassem em suas mentes, como um filme de terror que te assombra e você tenta esquece-lo o mais rápido possível para que não se mantenha perturbado. Essa atitude indica que os ciganos talvez não sejam bem vistos pela sociedade e, em especial, a rural que usam do esquecimento em conjunto, evitando falar sobre o assunto respectivo que aparenta assombrar/amedrontar os moradores rurais.

Em suma, na pesquisa relatada no artigo, a palavra medo, ciganos, comunidade e briga tem uma recorrente repetição advinda de carregados adjetivos que trazem uma imagem ruim dos ciganos, tendo também uma concepção de violência por parte do grupo. E por fim, como ultimo ajuntamento de palavras que se repetem temos: ler a sorte, dinheiro, benzer e querer. Que mostram um vínculo total ao sentimento de medo e ao suposto poder oculto vinda da prática da quiromancia.

3.2.3. Literaturas ciganas

Na continuidade da análise de nossa coleta de artigos sobre ciganos no Brasil, temos o artigo da Florência Ferrari, “Ciganos Nacionais”. Trata-se de um ensaio a respeito do local em que os ciganos evidenciam nas obras literárias produzidas pelo ocidente. Publicado pela Universidade de São Paulo (USP), o artigo tem como base informar questões como:

O imaginário ocidental vê no cigano um estrangeiro, um ser ambíguo, do qual sente temor ou fascínio conforme a situação, aqui se arrisca um deslocamento do recorte, chamando a atenção para a apropriação da figura do cigano na construção da identidade de duas nações: o Brasil e a Espanha. Servindo-se dessa figura de forma muito diversa, autores dos dois países transformaram o conteúdo da representação do cigano em um valor nacional próprio, comprovando, por outro lado, a ambiguidade e plasticidade da imagem do cigano. (FERRARI. 2006. p. 79).

O texto, “Ciganos Nacionais” tem seu início trazendo a temática do autoconhecimento cultural. “A NECESSIDADE do contato com um outro para descobrir a si mesmo é um lugar-comum do exercício da antropologia” (FERRARI, 2006, p.80). Assim, a autora pretende a dizer a respeito da necessidade de conhecermos culturas adversas para que descubramos quem somos e, o lugar ao qual devemos nos colocar.

Em seu artigo é trazido uma análise a respeito de “Memórias de um sargento de milícias”. Escrito por Manuel Antônio de Almeida, o romance traz a combinação entre dois entes de análise sendo o plano voluntário – traz cenas do Rio de Janeiro de uma determinada época conjunta de uma representação dos costumes – e o segundo plano em média involuntário – Aonde baseia-se na interação social brasileira durante o século XIX.

Tendo a ideia de que Almeida traz subjetivamente esses dois elementos descritos no parágrafo acima é significativo que levemos em conta que uma literatura romancista pode ser interpretada de diversas maneiras e não deve ser posta como um documento. “A relação que a literatura estabelece com a realidade pode ser arbitrária e distorcida, estando livre para inverter, suprimir ou agregar elementos ao seu bel prazer.” (FERRARI, 2006, p. 82). A obra literária é classificada como “Dialética entre a ordem e a desordem”, na qual ambas as categorias a ordem e a desordem estão interligadas.

O romance classifica o protagonista como um ente que balanceia entre a tolice e a esperteza, a salvação e o desastre, ou seja, um trickster. Para melhor informar o que seria um trickster “a tolice, que afinal se revela salvadora, e a esperteza, que muitas vezes redunde em desastre, ao menos provisório” (CANDIDO apud FERRARI, 2006, p. 82). Mas onde estão os ciganos postos nesse romance? O artigo desloca aspectos ciganos de sua cultura que foram vislumbrados pelo autor, sendo estas, a chegada dos ciganos no Rio de Janeiro e as descrições etnográficas como: vestimentas, adornos, festas, costumes.

Ferrari traz a concepção de que a busca pela representação do povo cigano diante as obras literárias do ocidente (Brasil e Espanha), faz com que haja uma extração de um sentido abrangente, no qual, tenha como caráter o de cumprir a função de uma explicação geral. A pesquisadora transporta um imaginário em sua busca do grupo cigano como um estrangeiro, à margem, envolto por mistérios. Por assim, menciona que não é a exclusão que se fixa no imaginário ocidental, mas sim a ambiguidade que envolve o grupo cigano. A ambivalência trazida/ dada ao imaginário busca a noção do nomadismo envolta com os poderes obscuros que derivam do “além”, caracterizando a sedução e o medo que deles advêm.

O enredo principal do romance, não gira em torno do povo cigano. Veras, tem um aspecto secundário. Toda via, conduz a caracterização da mulher cigana mirada pelos “olhos” ocidentais como a “detentora de poderes máximos da feitiçaria da sedução”. Analisando esses dogmas não se pode deixar passar a objetificação concebida à mulher cigana. No artigo, é feita uma comparação de que o poder da sedução cigana se punha de maneira similar aos poderes de Satanás, gerando não só a objetificação, mas a partir dela o encadeamento de um julgamento que traz consigo elementos do etnocentrismo.

Geralmente o etnocentrismo vem do pré-julgamento e afastamento de um grupo cultural que dá valor somente ao “eu” e não ao “outro” (somente a sua cultura que é a evoluída), assim, quando se dão apelidos as mulheres ciganas comprando-as com elementos de uma crença ocidental que coloca Jesus como o escolhido (bem) e Satanás como o anjo caído (mal), se transfere ao outro um olhar etnocêntrico que o condena como o atrasado (já que são dadas condições inexplicáveis ao ser) de acordo com a cultura que rege o olhar ao outro.

Trago então a ideia de que julgamos o outro a partir da cultura que se fixa em nossos olhos. O antropólogo Everardo Rocha (2007, p. 10-12) do livro “O que é etnocentrismo”, caracteriza esse ato de uma maneira bem didática com um exemplo:

Imaginemos agora um padre, cujo seus superiores lhe atribuíram a missão de catequizar os indígenas de uma tribo X e ao aceitar essa missão, preparou-se para a viagem levando consigo além de seus utensílios, artefatos destinados a presentear os povos indígenas e um rebuscado relógio que tinha comprado antes de partir. Depois de sua chegada e da distribuição dos utensílios (presentes) começou seu trabalho de catequização dos povos indígenas. Com o passar do tempo, um ente da tribo se aproxima do professor vislumbrado com o relógio, que por fim, tornam-se colegas. O indígena permanece admirado com o relógio, fazendo com que dias antes da missão terminar o padre/professor se veja em uma situação em que atribui o relógio aos domínios de seu colega, deixando-o maravilhado com aquele presente. Assim, antes de sair da tribo seu colega o chama para mostrar o que tinha feito com o relógio e lá estava ele, em cima de uma enorme árvore para que todos pudessem o ver. Naquele dia o padre sabia que perderá o relógio para sempre. Por fim, como última narrativa desta história, estamos na casa do padre e junto de suas paredes temos arcos e flechas penduradas em suas paredes como decoração da casa”. A melhor maneira de entender esse exemplo, é compreendermos que assim como o indígena da tribo X atribui de função para um relógio de pulso a ocupação de um posto que ele não pertencia o padre fez o mesmo para o arco e as flechas a que ganhará.

Qual serventia teria, dentro de uma cultura, arcos e flechas, a não ser, como decoração? Resumindo, ambos privilegiaram a função harmoniosa, estética, decorativa de objetos que, na cultura do “diferente”, tinham papéis técnicos em vez de só ornamentais. Ao passo que, ambos praticaram a mesma coisa já que possuem em seus olhos a leitura a partir da cultura que os rodeia.

A categorização cigana não tem seu término apenas elencando características destinadas às mulheres como: seduzente, mágica, detentoras de poderes que se igualam ao do diabo e etc. Mas também, preconceções destinadas aos ciganos. Julgamentos esses advindos das relações comerciais com os brasileiros. Estigma, pré-conceito e preconceito são advindos das práticas do comércio e das interações entre ciganos e

brasileiros. Sendo caracterizado como artimanhas dos ciganos, conjuntura essa que causa uma desconfortabilidade aos brasileiros.

Esses casos trazem versões do imaginário a respeito do comércio e do roubo. Assim, esse rótulo é diferenciado do homem cigano e da mulher cigana, tendo o homem, o “malandro”; e a mulher “a encantadora que não se entrega”, particularidade essa que tem uma proximidade a representação da prostituta.

O artigo em seu começo traz o conceito de que o momento em que a cultura é criada ou é inventada de maneira simultânea outra cultura ou a nossa, prosseguindo desse ponto, é possível entender que muitas dessas características, propriedades, atributos são advindas do nomadismo. Portanto, com a citação do artigo que mostra que os ciganos que vieram do Leste Europeu contem relações com a música regional, ou seja, tem uma incorporação do estilo musical que se adequa e se adapta por onde passam ou, tornam-se cada vez mais perceptíveis a cultura, cada vez que englobam mais elementos de outras. Moldando-os em uma singularidade já obtida que os torna cada vez mais diversos.

Diferente da visão brasileira, no Leste Europeu, os atributos conciliados aos ciganos não são de um caráter pejorativo/negativo. Na poesia de Lorca, o grupo cigano se encaixa como “seres de um mundo mítico”. O texto traz uma apresentação de fatos do dia a dia – como o amor e as brigas – sendo englobados a partir de elementos cósmicos que ultrapassam as expectativas do ser mágico que se encaixa não só em fantasias romancistas, mas na vida real.

Para o Leste Europeu, os ciganos não são adjetivados nas literaturas como detentores de um mal caráter ou algo do tipo. Mesmo que diante a sociedade a ideia seja diferente. Algumas literaturas os colocam como seres ultra seduzentes, sendo um exemplo o romance “*En la casada infiel*”, cuja a história traz a ideia de uma cigana que dissimula seu casamento e seduz o cigano, deixando o mesmo levar-se apelo rio. É dito outras duas personagens na história a Monja Gitana e Preciosa, que são retratadas em fantasias sexuais.

Por los ojos de la monja / galopan dos caballistas. / Un rumor último y sordo
/ le despegla la camisa, / y al mirar nubes y montes / en las yertas lejanías, /
se quiebra su corazón / de azúcar y yerbaluisa. Pero sigue con sus flores /
mientras que de pie, en la brisa, / la luz juega el ajedrez / alto de la celosía.
(La monja gitana) Su luna de pergamino / Preciosa tocando viene [...] En los
picos de la sierra / los carabineros duermen / Guardando las blancas torres /

donde viven los ingleses [...]. Su luna de pergamino / Preciosa tocando viene / Al verla se ha levantado / el viento que nunca duerme. / San Cristobalín desnudo, lleno de lenguas celestes, / mira a la niña tocando / una dulce gaita ausente. Niña, deja que levante / tu vestido para verte. Abre en mis dedos antiguos / la rosa azul de tu vientre. Preciosa tira el pandero / y corre sin detenerse. El viento-hombrón la persigue / con una espada caliente. ¡Preciosa, corre, Preciosa, / que te coge el viento verde! ¡Preciosa, corre, Preciosa! / ¡Míralo por donde viene! [...] (Preciosa y el aire) (FERRARI, 2006, p. 92-93).

Assim, é importante que possamos contrapor esse romance com outra obra literária. No século XX, a novela de Miguel de Cervantes, *la gitanilla*, publicada na Espanha em 1613. Traz a história de uma cigana preciosa que usa de sua sedução para tirar ouro dos ricos até o presente momento em que um homem, Andrés, se apaixona por ela e decide abandonar sua vida para seguir a dos ciganos.

[...] Una desta nación, gitana vieja, [...] crió una muchacha en nombre de nieta suya, a quien puso [por] nombre Preciosa, y a quien enseñó todas sus gitanerías, y modos de embelecó, y trazas de hurtar. Salió la tal Preciosa la más única bailadora que se hallaba en todo el gitanismo, y la mas hermosa y discreta que pudiera hallarse [...]. Salió Preciosa rica de villancicos, de coplas, seguidillas y zarabandas, y de otros versos, especialmente de romances [...] [...] De entre el son del tamborín y castañetas y fuga del baile salió un rumor que encarecía la belleza y donaire de la gitanilla, y corrían todos los muchachos a verla, y los hombres a mirarla. Pero cuando la oyeron cantar, por ser la danza cantada, ¡allí fue ello! Allí si cobró aliento la fama de la gitanilla (FERRARI, 2006, p. 94).

Diferente do primeiro texto citado essas duas últimas citações mostram uma ideia da objetificação cigana. Não é que a maneira como a Espanha enxerga os ciganos não seja totalmente caracterizada/embasada em adjetivos depreciativos, mas é necessário que lembremos que muitas das literaturas tem pontos do etnocentrismo como mostrado por Rocha(1996), que acaba vendo a cultura do outro a partir da sua. O que diferencia a visão dos ciganos do Brasil para os da Espanha é o fator desconhecido. No Brasil, as pessoas parecem ter os ciganos como grupos que não existe, mostrando assim, um afastamento maior desse povo gerando então, uma maior visão xenofóbica e etnocêntrica. E o leste Europeu parece mostrar mais conhecimento em relação aos ciganos mesmo que ainda tenham pré-julgamentos concedidos da sua cultura em relação a do outro.

3.2.4. Escola para todos?

Por conseguinte, adentraremos na análise do texto escrito pelas autoras Ana Katia Pereira Pinto e Ivone Martins de Oliveira – Ciganos na escola: Desafios e Potencialidades – Pesquisa feita pela Universidade Federal do Espírito Santo e publicada pelo *Journal of Research in Special Educational Needs*, no ano de 2016. O artigo tem com finalidade mostrar como é a experiência de uma criança cigana dentro de um ambiente escolar.

Em seu início, o artigo da autora Pereira Pinto logo em sua introdução trouxe um comparativo a respeito da relação dos ciganos brasileiros com os gadjes (não ciganos) ocidentais. O artigo traz o elo educacional da instituição denominada escola, ao qual tem como sua função a educação, preparação para sociedade e o compromisso com o aprendizado. E de que maneira seria a relação de um aluno, detentor de uma cultura não ocidental, se encaixar diante de um corpo docente e discente ocidental cujos moldes também derivam de uma acidentalidade. Aliás que produz adequações criticadas há décadas pelos não ciganos, sob a perspectiva foucaultiana.

A problemática da educação diante da vida dos ciganos é o assunto principal que rodeia esse artigo. Todas as discussões entregues pelas propostas da educação inclusiva têm o esforço de conhecer e reconhecer todas as especificidades, peculiaridades e características de cada estudante. Para que a partir dessa premissa haja um aumento potencial e exponencial do discente.

A educação nas escolas que conhecemos à la Michel Foucault, traz a ideia de uma instituição homogênea e replicadora de normas, padrões e modelos sociais que não necessariamente aceitam as diferenças/diversidades. Assim, de acordo com Casa-Nova “nesse âmbito, situamos a cultura cigana e a não cigana como dois sistemas culturais estruturalmente diferenciados” (CASA-NOVA *apud* PEREIRA PINTO, 2016, p. 296). Que ao trazermos em análise o pensamento de Casa Nova e Foucault é possível analisar a distinção cultural que se tem com esses dois grupos (ciganos e não ciganos) e ao levá-los aos modelos replicatórios escolares, temos que a aceitação a alteridade se tornaria em um viés, no mínimo, conflituoso ou dissipatório de adversidades (sendo de pensamentos ou culturais). Inclusive, é passível de entendimento que se o molde escolar possui um "modelo"/"forma", o molde cigano tem outra. O argumento de Casa-nova encaixa-se também no raciocínio de Laraia (a respeito de cultura) para o confronto do pensamento cigano ao que se intitula como escola.

O que se mostra como desafio para o grupo cigano é entender que a participação desse molde, a escola, traz preceitos advindo da cultura (já que toda forma de ação pode ser embasada pela cultura de acordo com Laraia) ocidental que nega a cultura do outro e colocam em parâmetros a SUA CULTURA como objeto de superioridade. Ou seja, é a maneira como o outro atribui um valor máximo para SUA CULTURA e atrela aos OUTROS parâmetros de atrasados e selvagens de acordo com Everardo Rocha.

Como é ser cigano em uma sala de aula aonde a maioria dos alunos vive de maneira distinta, se vestem de outro modo, moram em casas e não em barracas, possuem outros valores e costumes? (PEREIRA PINTO, 2016, p. 296).

A tentativa de um enquadramento dentro dos moldes sociais ocidentais mostra a forma como se inferioriza (mesmo de maneira distinta) o outro, tornando assim, uma permanência do diferente cada vez mais difícil. O choque cultural, se torna um fator que traz inúmeras dificuldades à permanência da vida escolar dos ciganos. Igualmente ao passo que, inúmeras vezes os ciganos que frequentam o ambiente acadêmico/escolar, atingem sua adolescência, casam-se e, logo saem desse espaço. Em especial, por conta de uma realidade que os cerca que se mostra nada inclusiva que reprime os diferentes. Assim, existem aqueles que fogem da regra e se mantêm nesses locais, mesmo diante de todas as formas exclusivas que o cercam e dão procedência na vida acadêmica chegando inclusive, no ensino superior.

O artigo traz Vagner, um aluno cigano, diante de uma sala repleta de gadjes que culturalmente praticam, pensam e exercem funções diferentes. Tendo visto que, o ser humano é predominantemente cultural. Ou seja, dentro da sala de aula existe uma cultura dominante que atua na formação dos alunos, que os moldam e dão um sentido característico a eles. Assim como Vagner tem sua predominância cultural os outros alunos também a têm, gerando com isso um conflito de predominâncias que será visto melhor ao decorrer do capítulo.

Perante o mundo ocidental, a escola é um meio de extrema importância (já que a atribuição do pensamento de contribuição para uma sociedade mostra ser alcançada somente diante da obtenção do conhecimento acadêmico) e por essa razão Vagner está lá. Perante as horas de aulas, um exercício é passado pela professora. Que avante ao exercício passado aos alunos Vagner se mostra displicente diante o exercício. Já que pintar lhe parece um exercício bobo e sem fundamento. Durante a realização desse

exercício os alunos, exceto Vagner, detém uma postura de total satisfação diante a proposta da educadora. Pintar/desenhar se mostra ao aluno cigano um exercício bobo e sem fundamento.

Os interesses de Vagner se mostram voltados ao de negociação no momento em que a pesquisadora, que observa os alunos e em especial Vagner, senta ao seu lado e pergunta o por quê da indisposição da realização da tarefa. Sendo assim, o menino cigano relata que acha bobo o exercício e sem fundamento. Tendo em vista que perante a cultura e a realidade do aluno cigano esse exercício não se mostra inadequado ao de preparação da vida em um todo. Logo Vagner se mostra interessado no objeto da pesquisadora e durante uma breve conversa ele incita uma vontade de negociação, mostrando diante disso, suas raízes culturais.

Vendo toda a indisposição do aluno cigano, diante aos demais, a educadora usa o termo “preguiçoso” para adjetivar Vagner. Com isso, mais uma vez nos deparamos com a atribuição de valores que são concedidas as culturas que são diferentes. No termo, que de acordo com Everardo Rocha (1996) olhamos a cultura do outro a partir da nossa e, julgamos o que é importante e o que não é diante nossas vivências culturais. A prática de ambos (professora e aluno) se mostra com teores etnocêntricos no momento em que ambos confeccionam atribuições de valor de acordo com suas vivências culturais.

Esse e dentre outros artigos, como já vimos neste capítulo, mostra a forma como o etnocentrismo e o conceito de cultura, que é dado por Laraia e Everardo Rocha, rodeia toda essa "trama". Pensar no outro/diferente deve ser um exercício instigado pela vontade/curiosidade da alteridade. Assim como os ciganos, temos outros grupos que mesmo sendo ocidentais não se encaixam nos parâmetros sociais, sendo estes: Gays,

Transexuais, Travestis, Lésbicas, Negros ou seja, minorias em geral. O trabalho da revisão bibliográfica se mostra de inteira importância e principalmente quando se é abordado o caso das minorias. Elencar a falta de políticas públicas que essa minoria passa e a vida de preconceitos que eles vivem é uma maneira de trazer para o real o quão perverso pode ser o espaço em que vivemos. Por fim, acredito que além de uma revisão bibliográfica a importância desse trabalho se dá pelo tema que não é reconhecido, falado, abordado por muitas comunidades acadêmicas; principalmente no Estado do Mato Grosso do Sul.

Conclusão

Este trabalho teve como síntese fazer uma revisão bibliográfica a respeito da temática “ciganos no Brasil”. Ao passo que foi apresentado ao longo do trabalho conceitos que se punham em pró do entendimento para melhor elencar esse grupo. Aspectos esses, que viabilizaram entender melhor acontecimentos que marcara a história dos ciganos.

Assim, foram encontrados artigos nos sites da Scielo e Periódicos da CAPES que trouxeram mais a fundo questões como a falta de políticas públicas, invisibilidade desse grupo, preconceito cultural e etc. O processo de revisão bibliográfica se demonstra muito importante nesses casos pois tem o trabalho de verificar o que está sendo produzido nos meios acadêmicos a respeito dos respectivos temas. Tornando assim, viável conseguir pensar nesse grupo e lutar em pró de direitos não iguais mas “desiguais”¹⁵ assim como menciona Aristóteles.

A presente revisão não mostra que em casos como os ciganos no Espírito Santo eles lutem pela obtenção de privilégios, mas sim, de necessidades básicas do ser humano. Direitos de todos os cidadãos. Por assim, foi encontrada toda uma gama de necessidades desse povo advindas das atrocidades sofridas. Por fim, ressalto que assim como a população negra que se encontra na margem da sociedade no Brasil por conta de seu passado escravocrata e a não imersão deles depois da lei áurea. Os ciganos também são detentores de um passado que os inviabilizou a ter oportunidades para uma imersão social e sofrem sem algum tipo de política pública que vise ajudar a conquistar todo esse tempo perdido.

Revisões Bibliográficas:

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, Google. Disponível em:
https://www.google.com.br/search?ei=Nl30W5S6KInEwASBiIWADQ&q=declara%C3%A7%C3%A3o+dos+direitos+humanos&oq=declara%C3%A7%C3%A3o+d os+direitos+humanos&gs_l=psy-

¹⁵ Usei a palavra desiguais para trazer a menção o princípio aristotélico “Devemos tratar os iguais de maneira igual e os desiguais a medida em que se desigualam”.

ab.3..0110.4224.15727..15888...1.0..2.609.6317.0j22j5j1j1j2.....0....1..gws-wiz.....0..0i71j0i131j0i67j0i131i67.pH4l_yBfyRA< Acesso em: outubro de 2018.

- BONOMO, MARIANA et al . Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários. **Univ. Psychol.**, Bogotá , v. 10, n. 3, p. 745-758, Sept. 2011 .
- BUTLER, Judith. (2015). *Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARDOSO, Harold et all. Mobilidade Espacial de População: Definições, Tipologia e Conceitos, Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
- CARIAGA, Diógenes (2017) Mulheres Rurais e Documentação: Um Direito Conquistado, São Paulo: FCC, 2017.
- CORADINI, Lisabete; SOUZA, Virgínia de Araújo. Os ciganos do Rio Grande do Norte: caminhos e trânsitos. **Sociologia**, Porto , n. tematico4, p. 205-229, 2014 .
- FERRARI, FLORENCIA. Ciganos nacionais. **Acta lit.**, Concepción , n. 32, p. 79-96, 2006 .
- FOUCAULT, Michel (2001). Microfísica do Poder. 16ª edição. Rio de Janeiro: Graal.
- HOBES, Thomas. LEVIATÃ (1651). Trad.Eunice Ostrenky. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LARAIA, Roque de Barros (2013). NOME DA OBRA, XX edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MOONEN, Frans. Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos (NEC), 2013.
- ELIAS, Norbert. Estabelecidos e os *Outsiders*: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade (1897-1990). Trad.Copyright, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- OKASAKI, BECKER. “A cigana Leu o Meu Destino(...)o Que Será do Amanhã, o que Vai Ser do Meu Destino”: Revisão de Algumas Produções nas Ciências Humanas (brasileiras) Sobre os Ciganos, Universidade Federal da Grande Dourados. 2018
- PLANALTO(2018). Constituição Federal Brasileira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 16nov18.

ROCHA, Everardo P. Guimarães . O que é etnocentrismo. Ciências Humanas. São Paulo: Brasiliense, 2007

SABERES ANCESTRAIS E TRADICIONAIS, Google. Disponível em: ><https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/nutricao/referencias-bibliograficas-tiradas-na-internet-como-colocar-no-trabalho/48764><. Acesso em 10 de Outubro de 2018.

SCHERMA, Marcio. Os Ciganos e as Relações Internacionais. Mato Grosso do Sul: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Enepe, 2015.

SOCIOAMBIENTAL (2018). Guaraní Kaiowá. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1. Acesso em: 15 de outubro de 18.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa(2008). **História dos ciganos no Brasil**. Recife Núcleo de Estudos Ciganos, p. 5-32.